



FLUC FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

***Needles, hats, shirtwaists and strikes:***  
**tornar-se americana no início do século XX**

Isabel Maria Ferreira Lopes de Oliveira Elias

2010



C •

FLUC FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

***Needles, hats, shirtwaists and strikes: tornar-se  
americana no início do século XX***

Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos,  
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade  
de Coimbra, sob a orientação da Professora  
Doutora Maria José Canelo

Isabel Maria Ferreira Lopes de Oliveira Elias

2010

## **Dedicatória**

Tendo atingido o principal objectivo deste trabalho que era, sem dúvida alguma, um enriquecimento pessoal que há muito ambicionava e a satisfação do desejo de um conhecimento mais aprofundado sobre temas que sempre me foram extremamente gratos, devo agora, muito justamente, agradecer àquelas e àqueles que me permitiram aqui chegar. Agradeço, em primeiro lugar, às minhas professoras da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e em especial à minha orientadora Doutora Maria José Canelo, pelo seu imenso saber, mas também pela sua constante disponibilidade e sentido de partilha, que me incentivaram a avançar em todos os momentos. Agradeço e dedico também este trabalho, à minha família, mas sobretudo à minha mãe que sempre me incentivou, em todos os momentos da minha vida, a procurar ser uma pessoa melhor e a investir em mim e na minha formação e que, além disso, me substituiu, algumas vezes, no meu papel de mãe. Por fim, mas ocupando um patamar de importância muito diferente, tenho que reconhecer todo o apoio, carinho e paciência do meu marido e das minhas filhas que sempre me ajudaram e compreenderam em todas as circunstâncias, apesar de nem sempre eu conseguir retribuir do mesmo modo. A eles dedico este trabalho já que sem a sua colaboração e o seu esforço, tudo teria sido bem mais difícil.

## **Resumo**

Um dos objectivos desta pesquisa foi voltar a percorrer o caminho, muitas vezes penoso, que as jovens emigrantes judias e italianas iniciaram, na sua chegada a Nova Iorque, no final do séc. XIX e princípio do séc. XX. Para melhor compreender esse percurso, tornou-se necessário analisar os condicionalismos económicos, sociais e políticos que as levaram a abandonar os seus países na Europa e a enfrentar uma realidade completamente incerta e que frequentemente as decepcionou, mas que também as levou a reinventar-se como mulheres, de modo a enfrentar as exigências de um novo estilo de vida, numa sociedade bem diferente daquela que deixavam para trás. Avaliar a forma como estas jovens se integraram na sociedade americana foi, sem dúvida, a tarefa mais relevante, salientando que essa integração passava quase sempre, inicialmente, pela apropriação de uma nova imagem, à qual estava obrigatoriamente associada a adesão à cultura de consumo, proporcionada pelo acesso ao trabalho das fábricas, sobretudo de confecção de vestuário. Ao longo deste trajecto, foi também absolutamente imprescindível constatar a ambiguidade com que foi percebida a entrada das jovens emigrantes nas fábricas e a sua participação nas primeiras lutas laborais do século XX.

## **Abstract**

One of the aims of this research work was to go through the hard path that Jewish and Italian immigrant women threaded when they arrived in New York in the late-nineteenth and early twentieth-century. To understand this moment of women's history better, it was also necessary to analyze the economic, social and political context in their countries of origin which led them to abandon Europe and look for a new life in another country facing an uncertain and sometimes disappointing reality. Starting a new life in the USA forced them to reinvent themselves as women, so that they could stand up to the demands of a new lifestyle in a completely different society. It was also my priority to analyze the way these young women became part of the American society, bearing in mind that this adaptation frequently involved leaving behind their clothes from Old Europe and adopt the American style. This change of image was intimately associated with the developing consumer culture of the time, only made possible by their access to the work in the factories, especially in the garment industry. It was also rather indispensable to examine the ambiguity of reactions caused by the young women's participation in the world of paid work and their active mobilization during the first strikes of the twentieth-century.

## Índice

I - Introdução.....	7
II – <i>Living as outcasts in Old Europe</i> - A vida dos judeus no Leste da Europa e a fuga para a <i>terra prometida</i> .....	11
III - <i>The land of dolci dollari</i> – O sonho italiano na América .....	21
IV - <i>How they found America</i> – O sonho e a desilusão.....	28
V - <i>Hats, shoes, corsets and shirtwaists</i> - O vestuário como instrumento de transformação cultural, social e política .....	35
VI - <i>Working to become ladies</i> - Conflito e lazer nas fábricas .....	46
VII - <i>Goods suitable for the millionaire, at prices in reach of the millions</i> – As mulheres e a cultura de consumo.....	55
VIII – <i>Meanings given by work and fashion</i> – O lazer, a moda e as lutas laborais ....	64
Conclusão.....	83
Anexos .....	85
Bibliografia .....	95
Sitografia.....	97

## **I - Introdução**

In a sense this book began as an attempt to re-enter my two grandmothers' closets, to ferret out the fragments of a past when women made the journey from the fields of southern Italy and the market towns of Eastern Europe to the world's most modern metropolis, New York City. It traces the historical experiences of women who were born roughly between 1870 and 1890, spent their childhoods in Europe, and then migrated, worked, married, and raised children in one of the most densely populated parts of the globe, Manhattan's Lower East Side. (Ewen 13)

O extracto apresentado sintetiza, em poucas linhas, o intuito da análise e reflexão que pretendi realizar neste trabalho de investigação. À semelhança de Elizabeth Ewen que procurou, ao visitar o passado das suas avós, uma italiana e outra judia, conhecer, de modo mais profundo, a vida das mulheres emigrantes do final do século XIX e princípio do século XX, também eu pretendi, neste trabalho, reflectir sobre as motivações e as expectativas que levaram tantas mulheres, acompanhadas da família mas também sozinhas, a atravessar o Atlântico em direcção a uma realidade da qual só tinham ouvido falar e onde as certezas se tornavam dúvidas logo que chegavam ao destino. Os *closets* a que Ewen se refere representam, de modo simbólico, os vários momentos que marcaram a vida das jovens judias ou italianas que chegavam aos Estados Unidos e que, com mais ou menos determinação, enfrentavam as dificuldades que surgiam dia após dia. Os chapéus, os sapatos, os vestidos, as blusas, as jóias e os xailes que a avó italiana ia retirando de dentro do armário para mostrar à neta são representativos de muitos aspectos que caracterizavam a vida das emigrantes chegadas da Europa, na época referida. O armário contém os símbolos de uma vaidade simples e de pequenos prazeres que estavam ao alcance das raparigas emigrantes trabalhadoras na época, mas guarda igualmente sinais das dificuldades e privações a que estavam

sujeitas, sobretudo quando enfrentavam as condições de vida, muitas vezes miseráveis, em que viviam, nos bairros pobres de Manhattan e quando suportavam as longas e penosas horas de trabalho em fábricas ou oficinas, sem um mínimo de condições de segurança, sob uma vigilância e exploração permanentes. Os armários das milhares de emigrantes ao chegarem à América, provenientes de variados países mas com ambições muito semelhantes, encontravam-se frequentemente vazios ou continham apenas os restos de um percurso de vida interrompido. Rapidamente, no entanto, as jovens compreendiam que, à custa de algumas angústias e espírito de sacrifício, teriam de fazer um esforço de adaptação que passava, na maioria dos casos, por tentar encher o armário com um tipo de vestuário ao estilo *americano*.

Ao longo de todo o texto, optei por me referir aos Estados Unidos da América, utilizando simplesmente o termo América pelas razões que passo a apresentar: apesar de reconhecer o uso abusivo do termo, pelos norte-americanos que, para referir uma parte da América do Norte, se apropriaram de um nome que abarca todo um continente, refiro frequentemente esse termo porque a América, na época, na perspectiva dos emigrantes, era mais do que o nome de um país, era sobretudo um conceito, um lugar repleto de novas oportunidades, assim descrito nas cartas enviadas para a Europa por muitos daqueles que já tinham feito a viagem.

Centrei a minha análise nas emigrantes italianas e judias, pelo facto de terem sido elas as que, em maior número, procuraram a América como destino para recomeço de uma nova vida, ainda que esse processo se tivesse concretizado de modo distinto, em vários aspectos. Apesar dessas diferenças, foram muitos os momentos em que italianas e judias se cruzaram: nas ruas dos bairros, nos percursos para o trabalho, nas fábricas, nos teatros, nos parques de diversões ou nos piquetes de greve, muitos foram os espaços partilhados, tal como o foram os sonhos, as ilusões, os sucessos, mas também as



decepções. As judias são, ao longo deste trabalho, alvo de referências mais frequentes, porque também são elas que mais vezes aparecem referidas nas análises críticas a que tive acesso. Não porque as jovens italianas não tivessem tido uma participação importante e activa neste período histórico, na reinvenção da sua identidade como americanas, mas porque, sem dúvida, as judias foram sempre mais visíveis e mais dominadoras nos variados aspectos que pretendi analisar. Assim, a referência às mulheres italianas aparece frequentemente como termo de comparação ou complemento.

Procurei também seguir o percurso sinuoso que estas mesmas mulheres quiseram percorrer enquanto trabalhadoras, enfrentando dificuldades múltiplas e travando lutas laborais, por vezes inglórias, no sentido de obterem o reconhecimento social e político. Ao preconceito associado à entrada das mulheres no mundo do trabalho, espaço masculino por excelência, juntava-se, desde o fim do séc. XIX, a associação íntima entre as mulheres e o consumo. Esta vertente foi muitíssimo explorada na época, sobretudo na imprensa, quer pelos jornais, quer pelas revistas em franca expansão na altura que, ao noticiarem a participação das trabalhadoras em manifestações e piquetes de greve, destacavam pormenores da imagem destas mulheres, em grande parte, emigrantes, fazendo referência ao seu vestuário ornamentado, que em nada acreditava as suas reivindicações por melhores salários, por mais justas condições de trabalho e pelo direito à união sindical. Este destaque excessivo dado ao estilo das mulheres trabalhadoras, que fazia sobressair a sua forte ligação a uma cultura de consumo em pleno desenvolvimento, condicionava, assim, a sua imagem e representação perante a sociedade. Ademais, a impossibilidade de ouvir, na primeira pessoa, a voz destas mulheres, quer na imprensa, quer nos debates políticos, uma vez que os principais lugares na hierarquia das uniões sindicais da época, eram ocupados

por homens, desqualificou-as na sua pretensão de assumirem o estatuto de sujeitos políticos. A contextualização e os exemplos apresentados ao longo do trabalho visaram desmontar e explicar as estratégias visuais e retóricas através das quais o discurso dominante procurava assim, legitimar a subalternidade das mulheres jovens da classe trabalhadora.

O limitado alcance do poder de luta das mulheres, no início do séc. XX, levava a que muitas das suas reivindicações não obtivessem qualquer resposta positiva por parte dos patrões ou dos líderes sindicais. Questões salariais ou queixas relacionadas com deficientes condições de segurança não mereciam, muitas vezes, qualquer atenção. No entanto, como infelizmente vemos acontecer demasiadas vezes ao longo da história, veio a verificar-se que as queixas estavam perfeitamente justificadas, como sucedeu no caso da Triangle Shirtwaist Factory. Efectivamente, algumas das trabalhadoras participantes nas greves do início do século trabalhavam nesta fábrica que, em 1911, sofreu um violento incêndio, tendo morrido mais de 140 trabalhadores, na sua maioria emigrantes judias e italianas. Este incêndio veio demonstrar que as reivindicações feitas pelas trabalhadoras, dois anos antes, por uma melhoria das condições de trabalho tinham efectivamente razão de ser. Este acontecimento, de consequências trágicas, impulsionou, a par de muitos outros, uma mudança de atitudes relativamente a questões de segurança e condições laborais, dando origem a alterações na lei que foram fundamentais nas lutas laborais que se seguiram.

## **II – *Living as outcasts in Old Europe* - A vida dos judeus no Leste da Europa e a fuga para a *terra prometida***

Entre 1880 e o início da Primeira Grande Guerra, cerca de um milhão de judeus abandonou os seus países, na Europa, em direcção aos Estados Unidos da América. Este êxodo verificou-se sobretudo em países como a Rússia, a Polónia e outros locais da Europa de Leste. As crescentes perturbações políticas e económicas e o intenso mal-estar social conduziu milhares de judeus a este abandono das suas raízes na esperança de encontrar e iniciar uma vida nova noutro lugar. Muitos dos emigrantes que acreditaram nesta possibilidade e assim iniciaram uma viagem em direcção ao desconhecido eram mulheres bastante jovens, em muitos casos ainda adolescentes, que procuravam iniciar uma vida com novas perspectivas, beneficiando, na maioria das vezes, do apoio de outros emigrantes, familiares ou não, que os encorajavam a enfrentar o desafio de atravessar o Atlântico. À chegada, a maioria, praticamente sem recuperar de uma viagem longa e extenuante, encontrava à sua espera um emprego numa qualquer fábrica de vestuário e um intenso horário de trabalho que, não raramente, ultrapassava as catorze horas diárias durante seis ou sete dias por semana.

Neste estudo, é de extrema importância e de grande interesse analisar a motivação, a atitude e as expectativas que nortearam as jovens emigrantes judias, ao contrário de emigrantes de outras nacionalidades. Susan A. Glenn, em *Daughters of the Shtetl*, refere, a este propósito, que, em geral, a imagem que transparece de vários estudos sobre os judeus na América, como um povo culturalmente deslocado, socialmente inadaptado e teimosamente tradicionalista, não corresponde efectivamente à atitude demonstrada por muitos daqueles que se fixaram nos Estados Unidos e aí reiniciaram todo um percurso de vida: “Many immigrants attempted to transplant and

conserve Old World traditions. Yet the very act of emigration symbolized a willingness to take risks and a receptivity toward change” (3).

Susan Glenn faz ainda uma comparação interessante dos conceitos “modernity” e “Americanization”, concluindo que, no que diz respeito aos judeus, aquele que melhor se aplica é o primeiro face à clara manifestação de vontade de enfrentar novos desafios e o desejo consciente de rebeldia em relação às tradições do Velho Mundo. “Americanization”, implica, segundo Glenn, uma aceitação, uma adopção dos valores americanos e das suas instituições e uma ruptura com os valores trazidos do Velho Mundo. A noção de “modernity” aplica-se especialmente às jovens mulheres judias, uma vez que, apesar de demonstrarem uma enorme capacidade de assimilar novos valores e uma enorme predisposição para agarrarem o novo estilo de vida americano, era inevitável a influência trazida da Europa, sobretudo no que dizia respeito aos compromissos culturais, aos papéis familiares e às obrigações religiosas. A disponibilidade demonstrada pelas jovens judias, no sentido de uma rápida adaptação a uma estrutura social, económica e cultural completamente nova foi igualmente visível e determinante, como mais à frente se verá, no desenrolar das primeiras lutas laborais de mulheres trabalhadoras.

Na sociedade da Europa de Leste, as mulheres ocupavam funções de algum modo paradoxais, uma vez que, se por um lado, estavam impedidas de desempenhar qualquer cargo político ou religioso, por outro, esperava-se que administrassem com competência e sabedoria a economia familiar e pusessem em prática todos os rituais religiosos tradicionais. A prestação das mulheres na área das responsabilidades económicas e domésticas era considerada fundamental, mas noutras áreas tão importantes da vida social e política eram vistas como inferiores. Se, por um lado, a sua participação activa na gestão económica da família lhes conferia uma autonomia quase

total como “breadwinners”, por outro, a possibilidade de evoluírem culturalmente ou prosseguirem quaisquer estudos estava-lhes geralmente vedada. “A Girl Wasn’t Much”, título do primeiro capítulo do livro de Susan Glenn, expressa claramente o sentimento de incapacidade e de desvalorização social a que as mulheres estavam destinadas. A educação estava apenas reservada a alguns e os limites impostos, também nesta área, aos judeus pelo governo do Czar eram diversos:

Many of the wealthiest Jews send their sons to England and Germany to be educated and to learn the languages, for the study of foreign languages in the Cheder (a sort of private Jewish school) has recently been forbidden by the Czar. The girls are not so fortunate unless they are of rich parentage, in which case they are educated at home. Even the poorest class is industrious, and at fourteen are good housewives, besides earning a few pennies by sewing or making gloves, etc., for factories.<sup>1</sup>

Muitas mulheres judias já trabalhavam na Europa antes de partirem como emigrantes. Este trabalho era essencial na economia familiar, uma vez que aos homens estavam destinadas responsabilidades de outra índole. Na sociedade judia europeia do séc. XIX e princípio do séc. XX, os homens ocupavam, na maioria das vezes, um nível de destaque, porque a eles estava consagrada a área dos estudos religiosos, sendo, por essa razão, mais respeitados: “Jews considered it something of a religious obligation for the wife of a Torah scholar to work while her husband devoted most of his time to study and prayer” (10). Poder frequentar a *Yeshiva* (escola religiosa avançada) e tornar-se rabino era uma honra para qualquer família, tal como era considerado um privilégio

---

<sup>1</sup> Marshall, B.T. “Within the ‘Pale’ of Jewish Russia.” *The Herald-Republican* 26-06-1910. 12-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/eej-pale-01.htm>>.

poder casar com um homem com esta formação religiosa. Numa sociedade estratificada e de cariz acentuadamente patriarcal, era considerada uma obrigação religiosa as esposas trabalharem de modo a facilitar o percurso religioso dos seus maridos: “Jewish folk culture acknowledged that a woman might even earn a place in Paradise if she labored to support a religious man” (10).

A imagem de uma esposa esforçada que trabalhava para manter o equilíbrio económico da família e do lar servia de exemplo à generalidade das famílias, ainda que os maridos exercessem outro tipo de funções que não o religioso: “If the scholar’s wife worked, then why not the merchant’s, the trader’s, the watchmaker’s, or the tailor’s? And that was the pattern. In every stratum of Jewish society the work of women was considered both necessary and respectable” (12). Assim, era comum encontrar mulheres, esposas e filhas, a trabalhar em pequenos negócios familiares, normalmente associados com o comércio, oficinas de artesanato, estalagens e fábricas, prestando frequentemente apoio aos maridos e/ou pais:

It is remarkable how happily the marriages turn out, for divorces are few and the wife is a help to her husband in whatever walk of life they may live. She is somewhat of a gossip, but she makes a devoted mother, and her family is usually a large one. In the smaller towns she assists her husband in the shop and makes an excellent saleswoman.<sup>2</sup>

Bastante menos aceitável e considerado até humilhante era o serviço doméstico, ao contrário de outras sociedades europeias que consideravam esta ocupação útil, no sentido em que constituía uma forma de preparar as jovens para as futuras responsabilidades como mulheres casadas e de ser uma ocupação realizada num

---

<sup>2</sup> Id.

ambiente mais familiar e protegido. As mulheres judias apenas optavam por este tipo de trabalho como último recurso: “If business ranked highest in the hierarchy of occupations, domestic service was one of the lowest and least desirable positions for a Jewish woman. Whatever material comforts and security were afforded to domestics, the benefits scarcely compensated for the humiliation associated with servitude” (16).

Nada era mais cativante, no entanto, do que a possibilidade de aprender uma profissão e, por isso, muitas jovens desenvolviam competências em áreas como a sapataria, a padaria, a tecelagem e a encadernação, entre outras. Todavia, a preferência da maioria (mesmo dos homens) ia para a confecção de vestuário. Segundo as estatísticas, no final do séc. XIX, a percentagem de judeus, homens e mulheres, a trabalhar na indústria do vestuário era superior à de qualquer outra ocupação, exceptuando a área do comércio. Após 1890, assistiu-se ao aparecimento de uma indústria de confecção de vestuário que coexistia com o tradicional sistema de confecção artesanal para clientes individuais, mas que, gradualmente, começava a ameaçar os pequenos negócios domésticos e familiares de que as famílias judias dependiam. A perspectiva de um emprego seguro no futuro (“golden trade”) e que conferia respeitabilidade, levou a que muitos jovens judeus e judias se dedicassem à aprendizagem do ofício de costureira, alfaiate e outras actividades do mesmo ramo. O aparecimento das primeiras máquinas de costura, como a *Singer*, impulsionou ainda mais o desejo de aprender uma profissão que era considerada pela maioria dos judeus de Leste como respeitável. Apenas a classe social mais elevada dos *shtetl* demonstrava desinteresse por esta actividade, uma vez que todo o trabalho manual era considerado de baixo valor (24). Assim, muitas jovens eram enviadas para oficinas de costura, para aprender a profissão e, como as famílias não podiam pagar pelas lições, em troca, as jovens trabalhavam de graça para os seus instrutores e executavam igualmente outras

tarefas domésticas que lhes eram exigidas: “Like most apprentices Mollie had to help with the dishes and care for her teacher’s children. Fortunately, her skill saved her from the more odious household chores” (29).

A pouco e pouco estas jovens começavam a receber pequenos salários pelo trabalho realizado, que entregavam à mãe, responsável pelas contas da casa. Após o período de aprendizagem, muitas abriam o seu próprio negócio, em casa dos pais, ou iam trabalhar para outras oficinas já estabelecidas.

A aprendizagem do ofício de costureira, que parecia uma possibilidade de futuro para muitas jovens e que poderia, em muitos casos, contribuir para a melhoria das condições de vida de muitas famílias, veio afinal, a revelar-se uma decepção para muitas. As restrições políticas impostas pelo governo do Czar, no final do séc. XIX, vieram agravar mais ainda as condições de vida dos judeus na Rússia e nas províncias polacas. A população judaica viu mais limitada ainda a autorização de residência nas cidades fora do *Pale of Settlement*<sup>3</sup> e a industrialização crescente, bem como as constantes ameaças às liberdades dos judeus vieram debilitar ainda mais os pequenos negócios das famílias e a miséria tornou-se uma ameaça real. As *May Laws* de 1882 proibiam os judeus de se fixarem nas zonas rurais onde ainda havia a possibilidade de negociar em produtos agrícolas, madeira, etc, e assim obter um meio de subsistência. Mais de cem mil judeus foram expulsos de Moscovo entre 1891 e 1892, indo engrossar

---

<sup>3</sup> A Czarina Catarina II criou o território designado como *Pale of Settlement*, em 1791, para albergar os judeus russos, expulsos de Moscovo. Os russos acusavam os judeus de uma forte competição nos negócios e de constituírem uma má influência para a restante população. O território abrangia as zonas hoje ocupadas pela Polónia, Lituânia, Ucrânia, Letónia e Bielorrússia. Oreck, Alden. “The Pale of Settlement”. *Jewish Virtual Library*. 27-08-2010 <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/History/pale.html>>.



ainda mais a população judaica de outras cidades, onde a competição por um emprego era já insustentável:

Those who have for twenty-five years served as soldiers may live outside the "Pale". Students of high educational institutions, apothecaries, dentists, surgeons and midwives, as well as skilled artisans, are allowed to live in certain sections. These walks of life include but a small number of persons for it is exceedingly difficult for a Jew to meet the requirements and qualifications of these classes to the satisfaction of the Russian government. A thousand and one obstacles are placed in the way of the applicant. For instance, only ten per cent of the students of a university are allowed to be of the Jewish race and these are admitted only after a most rigid examination - something not exacted of the Russian students. In some of the best schools the number allowed is from three to five per cent.<sup>4</sup>

A procura de trabalho nas fábricas também não era solução, uma vez que isso só era viável naquelas em que os donos eram também judeus. As ausências ao trabalho para cumprimento do *Sabbath*, o facto de serem frequentemente acusados de radicais e agitadores, fomentando greves e de não conseguirem adaptar-se aos métodos mais modernos de produção, contribuíram igualmente para a recusa de emprego a muitos judeus. Além das dificuldades de adaptação à vida mais industrializada, os judeus sofreram também perseguições e violência física. Os *pogroms*<sup>5</sup>, sendo o mais conhecido

---

<sup>4</sup>Id.

<sup>5</sup> *Pogrom* é uma palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países. Como termo descritivo, a palavra "pogrom" tornou-se de uso comum durante as grandes revoltas anti-semitas que aconteceram na Ucrânia e no sul da Rússia, entre 1881 e 1884, após o assassinato do Czar Alexandre II. "Pogroms". *Enciclopédia do Holocausto*. 27-08-2010 <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>>.

o de Kishinev<sup>6</sup> em 1903, aterrorizavam os judeus da Europa de Leste e provocaram verdadeiros massacres.

Em reacção ao estado de crescente pobreza e de discriminação surgiram movimentos organizados de auto-defesa e com vista à restauração do estilo de vida tradicional dos judeus: o socialismo e o zionismo. O movimento socialista judeu, mais conhecido pela designação “the Bund”, encorajou a união de milhares de trabalhadores das pequenas e grandes fábricas, com o objectivo da luta por melhores condições económicas:

Mixing socialism and Jewish nationalism, the Bund spread its message among artisans and laborers, adopting a program of revolutionary agitation and building a secret, underground Jewish workers’ movement that culminated in massive strikes in the industrial centers of the Pale. The sound of revolution could be heard in the workshops of the Pale, as economic and political discontent spread among the Jewish laboring classes (35).

O anti-semitismo atingiu um ponto crítico no final de 1905, tendo os judeus sido responsabilizados por causarem revoltas e manifestações, as quais foram combatidas através de grande violência. Muitos revolucionários foram presos ou mortos e outros conseguiram pôr-se em fuga.

Perante o cenário de revoluções, instabilidade económica, política e social, muitos foram os judeus que decidiram emigrar para os Estados Unidos. A procura de novos meios de sobrevivência mas também a necessidade de escapar à perseguição política conduziu mais de um milhão de judeus a fixar-se na América durante o período

---

<sup>6</sup> O massacre de Kishinev ocorreu em 1903 e nele foram mortos quarenta e nove judeus enquanto centenas ficaram feridos, originando o protesto e condenação internacionais. Pela primeira vez nos Estados Unidos, os judeus organizaram protestos a nível nacional, como manifestações e encontros em todo o país, com vista a condenar os acontecimentos. “The Kishinev Pogroms. April 1903, September 1907”. *The Museum of Family History*. 11-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/mfh-pogroms-kishinev.htm>>.

entre 1880 e 1910. Na década seguinte, outro milhão havia de cruzar o Atlântico com os mesmos objectivos em mente, até 1924, altura em que o governo americano publicou o *Immigration Act* que restringia a entrada de emigrantes no país.

As notícias de sucessos trazidas pelas cartas de familiares ou amigos da América, encorajavam muitos a tomar a decisão de partir também. Esta movimentação já não era novidade para muitos, uma vez que o comércio e outros negócios obrigavam a frequentes deslocações de região em região, mas desta vez, a viagem era muito mais longa e definitiva.

Cerca de 70% dos emigrantes que partiam da Europa de Leste tinham entre catorze e quarenta e quatro anos e procuravam o emprego que há muito deixara de existir nas suas terras. Os jovens judeus, influenciados pelos ideais socialistas com que já tinham contactado na Velha Europa ansiavam por uma sociedade mais justa e livre de preconceitos sociais. Muitas jovens emigraram para fugir a casamentos indesejados, mas muitas outras procuravam um emprego e/ou a oportunidade de continuar os estudos, já que as tradições judaicas lhes tinham negado essa possibilidade e o anti-semitismo russo limitava o acesso dos judeus à escola.

Chegadas à América, muitas das jovens judias enfrentavam muitas dificuldades e decepções, mas também encontravam uma saída para alguns dos problemas que as tinham levado a abandonar os seus países, graças à possibilidade de pôr em prática a formação adquirida na Europa, em várias áreas, mas sobretudo na confecção de vestuário e devido igualmente à disposição, por elas demonstrada, para agir em momentos de injustiça social, desenvolvida no contacto anterior com ideais revolucionários. As experiências prévias, aliadas a uma clara vontade de rapidamente abraçar uma nova realidade social, política, religiosa e cultural, fez com que estas

jovens desempenhassem, como se constatará mais adiante, um papel protagonista em vários acontecimentos marcantes das lutas laborais na América do início do séc. XX.

### **III - *The land of dolci dollari* – O sonho italiano na América**

A emigração de italianos para a América do Norte verificou-se em dois períodos distintos. Antes de 1880, os italianos emigravam essencialmente do Norte da Itália e eram pessoas com alguma formação cultural e intelectual, como médicos, compositores, artistas, professores, arquitectos, comerciantes, artesãos e escultores: “in general they were people with a more cosmopolitan perspective than the later migrants” (Cordasco 429). Em geral, estes emigrantes foram bem recebidos, uma vez que a cultura italiana era tida em boa conta pela classe dominante dos colonos na América, que eram também, eles próprios, pessoas com uma formação mais intelectual.

Em contrapartida, os emigrantes italianos que chegaram à América no final do séc. XIX e princípio do séc. XX partiram sobretudo do sul da Itália e tinham uma condição económica e social bem distinta. As condições de vida miseráveis que os *contadini* enfrentavam (429) e o analfabetismo quase generalizado (cerca de 90% da população era analfabeta), levaram muitos agricultores italianos a desejar melhor vida noutra local. Os emigrantes chegados do sul da Itália foram alvo de preconceito por parte não só da classe trabalhadora, que via nestes recém-chegados mão-de-obra adversária, mas também pelos conterrâneos do norte da Itália, que não viam com bons olhos a chegada de italianos com uma condição social tão degradada.

Tal como os judeus, os italianos beneficiaram do apoio de outros familiares ou amigos já residentes na América, que, pelo facto de já compreenderem a língua inglesa, se tornavam uma ajuda muito preciosa na procura de alojamento, no preenchimento de documentos, mas, essencialmente, na procura de emprego. Todavia, os italianos eram muitas vezes trazidos para os Estados Unidos sob o *padrone system*. Segundo este sistema, um homem ou um grupo organizado contratava, ainda na Itália, os serviços de

um homem ou de uma família inteira que, uma vez chegados à América, eram explorados, sendo muito mal pagos, além de que tinham que entregar quase a totalidade dos salários ao *padrone*; eram, na realidade, tratados praticamente como escravos, uma vez que, completamente ignorantes da língua e perante todo o tipo de barreiras num país desconhecido, não conseguiam libertar-se da dependência em que viviam. Este sistema foi desaparecendo nas primeiras décadas do século XX, à medida que a situação económica dos italianos foi melhorando.

A Itália era, por esta altura, como já foi referido, um país essencialmente agrícola, estando a pouca industrialização mais concentrada no norte. Os pequenos agricultores do sul viviam do que cultivavam nas pequenas parcelas de grandes proprietários e poucos eram donos das próprias terras. A família era, para os italianos, o centro das suas vidas e todos deviam contribuir para o seu sucesso e coesão. O estatuto do pai, num tipo de sociedade acentuadamente patriarcal, era marcante, mas a mãe tinha um papel bastante preponderante no dia-a-dia, embora de um modo mais velado: “Usually her power is subtle and covert, hidden even from family members who are accustomed to the immediacy of the father’s will, though this may be no more than a public statement of the mother’s wish” (431).

À semelhança dos judeus, os italianos emigraram para a América devido à pobreza extrema e à falta de oportunidades, no país de origem, para alterar essa situação, mas, ao contrário deles, encararam a emigração, não como a possibilidade de mudar completamente as suas vidas, instalando-se definitivamente noutra país, mas como um meio de, durante um período de tempo, amealhar algum dinheiro que lhes permitisse regressar ao seu país e recomeçar uma vida melhor. De facto, os italianos, também chamados “birds of passage”, regressaram em grande número (cerca de metade) ao seu país, após alguns anos de trabalho nos Estados Unidos da América.

Também diferentemente dos judeus, os homens italianos precediam o resto da família na viagem para a América. O papel pioneiro atribuído às jovens judias pelas suas famílias era, no caso dos italianos, atribuído aos homens, na sua maioria, solteiros.

Se é verdade que muitos italianos regressavam ao país de origem após algum tempo, aqueles que ficavam reconstruíam as suas vidas nas cidades americanas, com os alicerces culturais trazidos da Itália. A família ocupava um lugar central na vida dos italianos e os divórcios raramente aconteciam. Enquanto os homens casavam por volta dos vinte anos de idade, as mulheres entravam no casamento geralmente um pouco mais cedo. Mandava a tradição que os pais escolhessem os noivos ou noivas para os seus filhos e para garantir o sucesso de qualquer ligação matrimonial, as raparigas eram vigiadas constantemente. Por volta dos doze anos de idade, considerava-se que as raparigas deveriam pôr de parte as brincadeiras infantis e dedicar-se exclusivamente à aprendizagem das tarefas da casa ou à escola, caso ainda a frequentassem. Sair acompanhado de uma *chaperone* era frequente noutros grupos étnicos nos Estados Unidos, mas, no caso das italianas, era praticamente obrigatório.

Após o casamento, os papéis estavam claramente definidos: os homens deveriam ganhar para o sustento da casa, bem como garantir a protecção e segurança da família e as mulheres cuidar das tarefas domésticas e zelar pelos filhos. Apesar de se esperar que respeitassem cegamente a vontade dos maridos e que demonstrassem uma atitude de submissão, as mulheres italianas tomavam, muitas vezes, decisões importantes relativamente a questões familiares, sobretudo na ausência dos maridos. A família italiana é, por vezes, referida como “father-dominated but mother-centered” (Yans-Mclaughlin 84) e essa característica deve ter-se acentuado em períodos de emigração dos homens italianos, altura em que as mulheres assumiam uma maior autoridade familiar. Alguns antropólogos defendem que certas características das famílias sicilianas

tinham origem em tradições romanas, que justificam alguns privilégios concedidos às mulheres daquela zona: o dote da noiva, bem como os seus bens permaneciam em seu nome, após o casamento e passavam a pertencer aos filhos e não ao marido, em caso da sua morte. Tal como as mulheres judias, também as italianas controlavam as despesas do agregado familiar, gerindo os magros salários que os diferentes membros da família entregavam no final de cada mês. As raparigas italianas, como bem descreve Kathy Peiss, deveriam ir directamente para casa após a saída do trabalho e entregar aos pais os envelopes, ainda fechados, dos seus salários (69).

Na chegada à América, os italianos tendiam a alojar-se em comunidades, procurando zonas já ocupadas por outros da mesma nacionalidade e, em muitos casos, da mesma aldeia italiana de onde provinham. Esta opção facilitava, por um lado, a integração, uma vez que podiam contar com o apoio de outros italianos já habituados ao novo estilo de vida, mas também contribuía para o isolamento relativamente a pessoas de outras etnias, tornando a adaptação mais demorada. O espírito comunitário dos italianos era vital para as mulheres, que, muitas vezes, ficavam sozinhas em virtude de os maridos estarem ausentes durante longos períodos de tempo devido a compromissos laborais. Os italianos eram normalmente trabalhadores sem competências específicas para a indústria, ao contrário de muitos judeus, que traziam já algum tipo de formação, nomeadamente na área da confecção de vestuário. Assim, os italianos viam-se obrigados a aceitar os trabalhos mais mal pagos e que outros recusavam, além de estarem sujeitos aos empregos sazonais, o que dificultava mais ainda as suas condições de vida. Perante a ausência dos maridos, as mulheres reforçavam entre si relações comunitárias, cooperando e partilhando igualmente esporádicos momentos de lazer.

As dificuldades económicas que atingiam muitas famílias de emigrantes obrigavam muitos dos seus elementos a procurar um trabalho que permitisse ajudar a



pagar as contas. No caso das raparigas, mandava a tradição que logo que começassem a contribuir para o sustento da casa, ganhassem um estatuto social diferente, simbolizado pelo uso de um xaile, objecto que marcava a sua entrada no mundo adulto das mulheres, mas que também as identificava como estranhas à cultura americana. Estavam, assim, autorizadas a deslocar-se à fonte pública e aí realizar a lavagem da roupa, facto muito importante para elas, uma vez que implicava ter acesso a alguma liberdade (Ewen 32).

Não é possível saber ao certo o número de italianas que, na América, trabalhavam fora de casa, no entanto, julga-se que a maioria seria constituída por mulheres solteiras. As casadas optavam por receber hóspedes e por cuidar da casa e da família, que era habitualmente numerosa. Algumas mulheres podiam ainda realizar, além das tarefas domésticas, trabalho remunerado em casa, que poderia passar pela confecção de flores artificiais ou acabamento de peças de vestuário, ocupações que permitiam não descurar os cuidados da casa e envolviam também a participação dos filhos mais pequenos.

Mas foi sobretudo na indústria do vestuário que as jovens italianas, à semelhança das jovens judias, encontraram emprego que lhes permitiu não só colaborar na economia das suas famílias, mas também realizar uma série de conquistas que viriam a mudar o papel das mulheres na sociedade americana. Ao contrário de muitas raparigas da Europa de Leste, que traziam na bagagem alguns conhecimentos e formação prática acerca da confecção de vestuário, a maioria das italianas, que no seu país tinham apenas colaborado com a família no cultivo de pequenas parcelas de terreno ou nos trabalhos domésticos, enfrentavam maiores dificuldades na procura de emprego nos Estados Unidos, vendo-se obrigadas a aceitar trabalhos mal pagos em fábricas de vestuário, de chapéus, de flores artificiais, de embalagens de cartão, de doçaria e de tabaco. Ao descrever a sua avó italiana, Elizabeth Ewen destaca os seguintes aspectos: “In her

room, the door closed, she would open the closet. Whenever she did that, her youth seemed to transcend her age. The closet contained remnants of her past: old work dresses and shirtwaists, work shoes, shoes to dance in, shawls, and, most memorable, beautiful hats – hats she had made herself. By trade, she had been a milliner” (12).

As condições de trabalho eram, como sabemos, extremamente penosas, tendo as jovens que trabalhar durante largas horas a um ritmo estonteante, sempre sob o olhar atento de um capataz, que constantemente as repreendia, caso abrandassem o ritmo de produção ou simplesmente tentassem trocar qualquer palavra com as colegas do lado. Além dos horários de trabalho claramente exploradores, também os materiais de trabalho causavam frequentemente problemas de saúde, como era o caso dos fumos tóxicos da cola, utilizada na produção de caixas de cartão, das tintas usadas para tingir as flores, que irritavam olhos e garganta, além dos problemas de visão causados pela péssima iluminação das salas de trabalho. Estas condições repetiam-se por mais de doze horas por dia, em muitos casos, e por seis ou sete dias na semana.

Apesar das extenuantes condições de trabalho, o facto de trabalharem fora de casa permitia a estas jovens o contacto com outras pessoas da sua idade que, de outro modo, seria bastante mais difícil. O convívio com outras jovens, italianas ou não, e a participação, ainda que breve, em actividades de entretenimento como a ida ao cinema, a um baile ou o simples passeio pela rua, abria a estas jovens um mundo completamente novo que incluía não só o contacto com as novidades expostas nas montras das lojas e que despertavam o desejo de andar na moda, mas também o contacto, até aí proibido, com pessoas do sexo masculino.

Apesar da estrutura familiar italiana, assente em valores profundamente patriarcais, se manter na chegada à América, privilegiando o respeito e a obediência em prol da coesão da família, face à nova realidade cultural e económica, as mulheres

italianas foram-se gradualmente adaptando, ainda que de uma forma dolorosa para muitas, ao novo estilo de vida que na América lhes era exigido, mas que também lhes permitiu uma série de conquistas importantes.

A adoção de um estilo mais americano foi, certamente, mais lento e mais difícil, no caso das jovens italianas, tendo em conta a situação de maior pobreza das famílias, agravada pela dificuldade em arranjar empregos estáveis e bem pagos (os italianos, ao contrário dos judeus, não traziam qualquer formação profissional específica). As famílias italianas contavam com os salários das filhas para tentar equilibrar as contas, deixando-lhes pouca margem de manobra para gastos com vestuário ou lazer.

Apesar de terem desempenhado um papel importante nas lutas laborais dos primeiros anos do séc. XX, pela sua adesão às greves e às manifestações, as jovens italianas fizeram-no sempre de uma forma mais discreta e menos activa do que as judias, devido aos condicionalismos culturais, económicos e sociais a que estavam sujeitas. A este propósito, Meredith Tax compara o desempenho das trabalhadoras italianas e das americanas durante as greves, referindo que, em ambos os casos, se verificava um entusiasmo menor quando comparadas com o ímpeto manifestado pelas trabalhadoras de origem russa ou polaca (223). Interessante ainda a referência à total ausência das mulheres negras neste tipo de acontecimentos laborais. Os censos realizados em Nova Iorque, no início do século, apontam para um número reduzido de trabalhadoras negras (cerca de dezasseis mil), exercendo 90% destas a função de trabalhadoras domésticas, ocupação que a maioria das mulheres recusava, por ser socialmente degradante e que impedia, pelo seu isolamento, a organização laboral (224).

#### **IV - *How they found America* – O sonho e a desilusão**

I looked about the narrow streets of squeezed-in stores and houses, ragged clothes, dirty bedding oozing out of the windows, ash-cans and garbage-cans cluttering the sidewalks. A vague sadness presses down my heart – the first doubt of America. (Yeziarska 1991: 113)

Embora a colectânea de contos de Anzia Yeziarska se intitule *How I Found America*, a primeira pessoa usada no título abarca efectivamente todas as jovens judias que partiam para os Estados Unidos em busca de uma nova vida, daquela vida que algumas cartas de familiares ou amigos descreviam, uma vida de abundância, de segurança e de liberdade. Como sabemos, a vida que as jovens encontravam, uma vez nos Estados Unidos, era tudo menos fácil. Desde as difíceis condições de trabalho, aos miseráveis salários que oscilavam conforme a vontade dos patrões, à falta de conforto, higiene e privacidade das habitações, uma série de factores contribuíam para uma desilusão crescente nos primeiros meses de contacto com a nova realidade:

Ten hours I pushed a machine in a shirtwaist factory, when I was yet lucky to get work. And always my head was drying up with saving and pinching and worrying to send home a little from the little I earned. All that my face saw all day long was girls and machines – and nothing else. And even when I came already home from work, I could only talk to the girls in the working-girls' boarding-house, or shut myself up in my dark, lonesome bedroom. No family, no friend . . . “Where are my dreams that were so real to me in the old country?” (55).

A protagonista do conto “The Miracle” que, na ânsia de viajar para a América e aí realizar os seus sonhos, pressiona os pais a penhorar os castiçais e o livro sagrado,

símbolos da fé judaica, para assim conseguir o dinheiro necessário para adquirir o bilhete de navio para a América, demonstra, neste extracto, não só as suas decepções com a ‘terra prometida’, como deixa também transparecer a solidão que muitas jovens enfrentavam num país onde chegavam frequentemente sozinhas e onde, também frequentemente, não conheciam ninguém.

De facto, a emigração de judeus da Europa de Leste para a América apresentou algumas características peculiares e uma delas teve a ver com a percentagem elevada de mulheres que partiram sozinhas, cerca de 43%. Acima desta percentagem, só a Irlanda enviou mais mulheres (cerca de 53%). Além deste aspecto só por si revelador, constatou-se que, ao contrário de outros emigrantes (por exemplo, os provenientes do sul da Europa), a maioria dos judeus não regressou ao seu país de origem e já nem sequer partiam com essa intenção. De facto, emigrantes de outros países europeus registaram taxas de regresso que se situaram entre os 25% e os 60% enquanto, apenas entre 2% a 3% de judeus regressaram à Europa.

A razão pela qual muitas mulheres judias tomaram, em muitos casos, a dianteira na aventura da emigração teve a ver com as crescentes oportunidades de emprego que surgiam na América. As fábricas de vestuário que proliferavam em Chicago, em Nova Iorque ou em Filadélfia ofereciam amplas possibilidades de emprego às raparigas (muitas delas já com alguma experiência na área) e as famílias judias tinham a esperança que as jovens pudessem, com o seu esforço pioneiro, abrir as portas da América aos restantes familiares.

Na chegada à América, e após muitas horas de receio e de indefinição passadas em Castle Garden, e depois em The Isle of Tears, outro nome pelo qual Ellis Island ficou conhecida, muitas jovens emigrantes que haviam desembarcado em Nova Iorque, eram levadas para Lower East Side, onde familiares ou amigos as aguardavam. Aí, a

estranheza perante o desconhecido era um dos primeiros sentimentos experimentados pelas jovens mulheres recém-chegadas:

If the streets proved unsettling to some new arrivals, others found them full of excitement. A sense of wonder, even elation, at the unfamiliar, the bizarre, the unimaginable commotion and landscape of the city reaffirmed their hopes for a new and better future. The human energy of the streets, the displays in shop windows, the height of the buildings, the glow of the street lamps, the modern fashions, all provided a feast for the eyes of immigrants from small and relatively primitive towns in Eastern Europe (Glenn 54).

Uma elevada percentagem dos emigrantes que chegavam a Nova Iorque procurava alojamento em bairros onde já conheciam alguém. À chegada, a reacção perante as péssimas condições de vida dos apartamentos eram diversas. Os mais velhos olhavam com tristeza e estupefacção a sua nova habitação que, em muitos casos, era até pior do que aquela que tinham deixado para trás na Europa. Os mais novos, ultrapassada a primeira decepção perante a falta de conforto, encaravam a situação como temporária e viam sobretudo a perspectiva de poderem, agora sim, mudar de vida, através de um bom emprego ou do prosseguimento de estudos. Um exemplo deste optimismo é o testemunho de Mary Antin, uma jovem emigrante judia que, perante o miserável alojamento que o pai lhes apresenta à chegada, refere: “these wooden chairs and tin pans were *American* chairs and pans” (60). As jovens que emigravam sozinhas e que não tinham familiares que lhes dessem alojamento imediato, ficavam normalmente instaladas em casas (já sobrelotadas) de outras famílias, como hóspedes. A expressão “renting a sheet” (61) é, por si só, esclarecedora das parcas condições e da falta de privacidade em que as hóspedes viviam e não é de estranhar que, frequentemente, se registassem situações de conflito.

Após o primeiro impacto da chegada a um país tão diferente, era necessário fazer contas à vida, organizar as tarefas e contabilizar as despesas. A intenção de permanecer para sempre no novo país influenciou a vontade de adaptação, a maior ou menor flexibilidade às novidades, a *teimosia* em manter inalteradas certas tradições culturais ou a abertura ao estilo de vida americano. As famílias judias esforçaram-se por se adaptar à vida das cidades americanas, criando um compromisso de “give and take”, sem, todavia, entrar em ruptura com as tradições a que estavam habituadas. O facto de estarem decididos a permanecer na América definitivamente, fez com que estivessem mais disponíveis para aceitar certas mudanças mais penosas, ainda que o fizessem progressivamente.

À semelhança do que já acontecia na Europa de Leste, por razões culturais e económicas, a maioria das mulheres tinha que trabalhar para contribuir para o pagamento das várias despesas, uma vez que o salário do marido era claramente insuficiente. Mas, ao contrário do que se passava na Europa, na América, as mulheres eram confrontadas com novas realidades e novas oportunidades, especialmente no que dizia respeito às mulheres mais jovens e solteiras. As mulheres casadas optavam, em muitos casos, por ganhar algum dinheiro com hóspedes, além de contarem igualmente com o contributo dos filhos que já trabalhavam, ao contrário do que sucedia nos *shtetl* na Rússia ou na Polónia, onde as esposas judias saíam de casa para ajudar nalgum tipo de comércio familiar, confiando os filhos mais pequenos ao cuidado de outros familiares ou de filhos mais velhos. Uma vez na América, essa situação não se verificava, na maioria das vezes, uma vez que os filhos mais velhos ou estudavam ou trabalhavam e não tinham, por isso, essa disponibilidade. Assim, trabalhar em casa era uma das possibilidades mais viáveis: “Finishing clothing and making neckwear,

artificial flowers, and other items at home allowed immigrant women who were willing to work for very meager piecewages to combine economic and domestic tasks” (72).

Quer o trabalho feito em casa, quer a recepção de hóspedes contribuíram para manter o estatuto que a mulher casada judia tinha anteriormente. A possibilidade de colaborar num qualquer negócio, nem que fosse a venda ambulante de vários produtos, era bastante mais respeitável do que trabalhar numa fábrica.

Apesar das muitas diferenças, a vida diária num bairro habitado por judeus apresentava algumas semelhanças com aquilo a que estavam habituados na longínqua Europa. As idas à sinagoga para rezar, as conversas em iídiche (*yiddish*)<sup>7</sup> que eram trocadas nas ruas entre vendedores e clientes ou nos apartamentos, ou ainda as placas que, com designações em iídiche ou em hebraico, anunciavam, na frente das lojas, produtos bem conhecidos das comunidades judaicas. Muitos eram os aspectos que denunciavam a presenças dos judeus e dos seus costumes, como fica demonstrado neste texto da época:

open air pushcart market, where men and women jostle and crowd the pedestrian in their zeal to sell anything from remnants of dress goods to fish of a questionable quality, is a favorite spot with many people who are interested in the slums. Its thickly populated tenement houses, ill-smelling shops and crowded streets; its queer houses of worship and the groups of long-bearded men, and

---

<sup>7</sup> O *iídiche* foi, em tempos, a língua falada pelos judeus *Ashkenazic*, os judeus que, durante a Idade Média, viviam no norte de França e na zona oeste da Alemanha. O *iídiche*, uma mistura de hebraico e de alemão medieval, adoptou a maioria do vocabulário do alemão mas contém muitos termos das zonas ocupadas pelos judeus na Europa e utiliza os caracteres hebraicos. Esta língua nunca foi utilizada na cultura dos judeus *Sefarditas* (os judeus que viviam em Espanha, Portugal, nos Balcãs, no Norte de África ou no Médio Oriente). “Yiddish Language and Culture”. *Judaism* 101. 27-08-2010 <<http://www.jewfaq.org/yiddish.htm>>.



women whose hair is concealed under heavy brown or black wigs, are among the well-known East Side pictures.<sup>8</sup>

A zona referida habitualmente como Lower East Side, e que fez parte do imaginário de milhões de emigrantes que chegaram aos Estados Unidos da América entre o final do séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX, nem sempre teve essa designação. Até final do séc. XIX, a zona era frequentemente referida como *the Great New York Ghetto* ou apenas *the New York Ghetto* (Diner 17).

As inúmeras fotografias de Lower East Side hoje disponíveis permitem não apenas uma impressão visual das ruas e dos edifícios, mas também das pessoas. Estas imagens exibem cenas do quotidiano, apresentando quase sempre um aglomerado de homens e mulheres, compradores, vendedores, crianças (no início do século, viviam cerca de quinhentas e quarenta e duas mil pessoas na zona), sendo quase possível ouvir as suas vozes, sentir os odores provenientes dos restaurantes, das cozinhas dos apartamentos, mas também do lixo que se acumulava em todo o lado e sentir, enfim, o movimento e a agitação das gentes. Embora a preto e branco, podemos imaginar ainda a profusão de cores das frutas, legumes, peixe, artigos de vestuário, calçado, entre muitos outros artigos, expostos nos milhares de *pushcarts* que circulavam nas ruas ou expostos nas lojas, que surgiam a cada passo. As fotografias que nos chegaram da época, início do séc. XIX, apresentam perspectivas amplas e distantes, sobretudo das ruas, mostrando prédios sobrelotados, que indiciavam as más condições e a pobreza em que muitas famílias de diferentes etnias viviam (V. Anexo 1).

A imprensa apresentava habitualmente imagens do bairro mais povoado de Nova Iorque e os jornalistas vasculhavam os mais pequenos detalhes da vida das pessoas,

---

<sup>8</sup> "East side tenements." *The New-York Tribune*, November 25, 1900. 14-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/les-landlords.htm>>.

desde a comida, às perucas usadas pelas mulheres (30). As representações de Lower East Side veiculadas por fotógrafos da época, como Jacob Riis, Joseph Byron ou Lewis Hine se, por um lado, contribuíram para a criação de estereótipos dos habitantes do bairro, por outro lado, conduziram ao despertar da restante população e autoridades para as miseráveis condições de sobrevivência ali existentes, tendo conduzido a reformas importantes ao nível, não só das habitações, mas também do trabalho e educação.

A decepção e a amargura que várias personagens femininas de Yeziarska demonstram no confronto com a realidade americana são apenas mais um testemunho das muitas dificuldades que as jovens emigrantes enfrentavam. As ilusões tornavam-se frequentemente em decepções ao avistarem as péssimas condições de vida dos bairros onde eram obrigadas a permanecer, sem qualquer conforto ou privacidade; ao sentirem a exploração a que eram submetidas nas fábricas ou nas oficinas; ao verificarem também que o desejo de estudar ficava completamente comprometido, porque os horários extenuantes das fábricas as deixavam completamente incapazes de realizar esse esforço no final de cada longo dia de trabalho. Naturalmente, a par das muitas desilusões, foram surgindo algumas conquistas que, de algum modo, atenuavam as dificuldades de cada dia: o acesso ao espaço da rua e, conseqüentemente, a diferentes formas de lazer e o contacto mais facilitado com pessoas do outro sexo, facilitado quer pelo trabalho, quer pelo acesso aos espaços exteriores, tornou-se uma das maiores conquistas das jovens trabalhadoras nesta época. A rua, percurso obrigatório entre a casa e o trabalho, permitia e incentivava as demonstrações de estilo que as jovens emigrantes acreditavam ser essencial para melhor se identificarem como americanas e, por essa razão, investiram o mais que puderam nessa vertente, obtendo ganhos mas também algumas perdas, como veremos um pouco mais adiante.

## **V - *Hats, shoes, corsets and shirtwaists* - O vestuário como instrumento de transformação cultural, social e política**

And so when a young man from there arrives here, what kind of an impression does he make? First, he cannot open his mouth because he does not know the language. Then, when he gets together with people, he does not know how to behave and how to have a good time. So people make fun of him. I can understand it because first, he is not able to talk, and then, he is not able to eat because he is not used to this kind of food. He also does not know how to hold a knife or a fork or a table napkin. . . . And as far as dress at home – one used to put on a shirt and a scarf around one’s neck and this was all. Here, however, one has to have different clothes for the summer and for the winter. The same is true for women.<sup>9</sup>

Como já foi referido anteriormente, de todos os grupos de emigrantes que chegaram à América no início do séc. XX, os judeus foram aqueles que em maior número se fixaram definitivamente no país. A perseguição, a violência, as difíceis condições económicas e as oportunidades cada vez mais restritas de encontrar emprego ou de levar avante um negócio, contribuíram para a decisão de abandonar para sempre a Europa. O elevado número de mulheres e crianças que desde cedo partiram para os Estados Unidos demonstrou que essa opção de iniciar uma nova vida noutra local estava já tomada antes da partida.

O desejo de permanecer na América para sempre significava, para muitos judeus, ao contrário do que sucedia com outros emigrantes, encaixar num novo estilo de vida, adoptando, para isso, logo à chegada, um novo tipo de vestuário. Vestir como um americano ou americana era o primeiro passo básico mas tão essencial para não destoar

---

<sup>9</sup> “M. Goodstein to his Aunt in Poland, San Bernardino”. *Letters from America*. 10-07-2010 <[http://www.jaha.org/edu/discovery\\_center/push-pull/letterstohome.html](http://www.jaha.org/edu/discovery_center/push-pull/letterstohome.html)>.

na nova sociedade e ser aceite. No primeiro contacto, ter uma imagem parecida com os restantes elementos da comunidade parecia ser mais importante do que aprender a nova língua. Essa consciência da importância da imagem como elemento integrador era clara para aqueles que já viviam na América há algum tempo. John Cybulski envia, em Fevereiro de 1891, um bilhete de navio para que a esposa viaje ao seu encontro na América e manda-lhe algumas recomendações importantes: “As soon as you receive the Steamship ticket and the money, get ready and come to America to me. Don’t wait for anything. You do not need to take with you any packsaddles, that is, any traveling bags aside from clothing for the trip. If you have any bedding, then sell it.”<sup>10</sup>

Susan Glenn refere, no capítulo “Mothers and Daughters”, a perplexidade com que Jennie Matyas, uma emigrante recém-chegada da Hungria, observa as crianças que se movimentavam nas ruas da grande cidade: “It must have been about three o’clock in the afternoon when we were taken out of Ellis island and came on one of these open horse-drawn cars in New York City, and I looked around to see the terrifically tall buildings. I saw all these children and they were dressed with *shoes* and *stockings* on” (54). No país de origem de Jennie Matyas, as crianças calçavam sapatos e vestiam roupas um pouco melhores apenas em alturas festivas, como a Páscoa Judaica. Os sapatos mereciam igualmente, por parte dos emigrantes, uma atenção especial. As botas pesadas e as meias grossas que muitos emigrantes apresentavam, na chegada à América, sinalizavam, de imediato, a sua condição de emigrante e o seu estatuto social. Com alguma facilidade, se comprava um par de sapatos por um ou dois dólares nas ruas, mas a qualidade e a resistência eram mínimas e rapidamente precisavam de ser substituídos.

---

<sup>10</sup>“Travel instructions from John Cybulski to his wife”. *Letters from America. Letters from America*. 10-07-2010 <[http://www.jaha.org/edu/discovery\\_center/push-pull/letterstohome.html](http://www.jaha.org/edu/discovery_center/push-pull/letterstohome.html)>.

A necessidade de deixar para trás os modestos trajes tradicionalmente usados pelos judeus, muitas vezes associados a rituais e comemorações religiosas, como o *Sabbath*, era transmitida pelos próprios familiares ou amigos que, através, de correspondência alertavam os que estavam na eminência de partir, para a importância da mudança de imagem na chegada à América. A este propósito, Nan Enstad refere: “For these [immigrant] women, clothing was the first sign of a new American identity; seasoned relatives often bought newcomers American clothes, including shoes, on the day of their arrival. Indeed, many employers would not hire women who did not wear American clothing” (9).

A personagem Shenah Pessah, do conto intitulado “Wings”, de Anzia Yezierska, confirma a importância que a substituição das velhas peças de roupa trazidas da Europa por outras *mais americanas* podia adquirir para os emigrantes, quando estava em causa a sua integração e aceitação na nova sociedade: “I got to have a hat and a new dress. I can’t no more wear my ‘greenhorn’ shawl going out with an American” (1991: 9).

Anzia Yezierska nasceu durante a década de 1880, numa aldeia situada na região da Polónia que, na época, pertencia à Rússia. Como sucedia em muitas famílias judias, o pai de Anzia era um homem dedicado aos estudos religiosos e a mãe lutava diariamente com as dificuldades de criar sete filhos. Perante a miséria e a fome crescentes, a família viu-se obrigada a mudar o rumo das suas vidas e, na década de 1890, viajou para os Estados Unidos. O filho mais velho, que já tinha emigrado algum tempo antes, esperava-os em Nova Iorque, para os conduzir a Lower East Side. Anzia e as irmãs contribuía para o sustento da família, trabalhando em fábricas e, como tantas jovens da época, casaram passado pouco tempo. Anzia, a mais nova, demonstrava um desassossego constante e dificuldades de adaptação, traços que transparecem em algumas das suas personagens. O desejo de “I want to make a person of myself!” (1991:

58), expresso por algumas personagens, mais parece ser o seu. A personagem Shenah Pessah, acima citada, é uma jovem sonhadora que vive na miséria com o tio contando este, a cada momento, com a sua ajuda, quer nas lides domésticas, quer nas tarefas que exerce como porteiro. Foi ele quem pagou o bilhete de navio de Shenah e, por essa razão, ela deve trabalhar para ele como forma de compensação. Esta jovem, cheia de sonhos num dia e mergulhada em desilusões no outro, representa certamente muitas das jovens que chegaram à América à procura de uma vida melhor. Tal como Shenah, que vende a única coisa de valor que possuía, uma colcha de penas deixada pela mãe para poder comprar um vestido e um chapéu que lhe permitissem impressionar o homem que, inesperadamente, conhece e pelo qual se apaixona, também muitas jovens procuravam ver-se e ser vistas como americanas, trocando as velhas peças de roupa por peças de vestuário que mais facilmente as sinalizassem como americanas.

A insistência das raparigas judias na mudança de estilo de vestuário, muitas vezes contra a vontade dos pais, implicava igualmente uma mudança de atitude perante outros aspectos da vida familiar outrora tão profundamente enraizados. O convívio com outras raparigas, no local de trabalho e, sobretudo os contactos mais informais proporcionados nos momentos de pausa ou de lazer, levavam a uma renovação de hábitos e comportamentos que, para os pais era frequentemente dramática. A perda de identidade cultural e religiosa por parte das jovens judias constituía uma ameaça para as gerações mais velhas, que mostravam menos apetência e também menor capacidade de adaptação a tantas mudanças (V. Anexo 2).

O facto de um elevado número de jovens oriundas da Europa de Leste desempenharem, na América, vários tipos de trabalho na área da confecção do vestuário foi, certamente, determinante no desenvolvimento de um gosto crescente pela moda e de

uma tomada de consciência da importância que o vestuário adquire como meio de afirmação pessoal e social.

Por outro lado, a proliferação de “cheap amusements”, como lhe chamava Kathy Peiss (1986) no início do séc. XX, como os parques de diversão em Coney Island, as idas ao cinema ou ao teatro ou o simples passeio para ver as montras, despertavam nas jovens a vontade de impressionar, nem que para isso tivessem de gastar a totalidade da já pequena parte do salário a que os pais lhes permitiam ter acesso. O lazer estava intimamente relacionado com espaços públicos, logo, a imagem era uma prioridade e os pequenos detalhes, determinantes.

Se as jovens oriundas dos *shtetl* se viam completamente perdidas na azáfama das grandes cidades no Novo Mundo, enfrentando, a cada momento, novas realidades que nunca antes tinham visto, já as jovens judias de famílias mais abastadas e que viviam nas cidades da Rússia ou da Polónia tinham uma reacção diferente. Expostas às novidades apresentadas pelas revistas que traziam a moda de Paris, influenciadas pelas grandes lojas e perante a diversidade de apelos comerciais existentes nos meios urbanos, estas jovens foram adoptando os estilos de moda mais actuais e desenvolvendo um espírito mais consumista, que, mais tarde e já na América, lhes permitiu uma adaptação mais fácil e mais rápida.

Os familiares que já estavam na América há algum tempo, tiveram um papel muito importante na chegada dos novos emigrantes, uma vez que já conheciam suficientemente bem os traços que distinguem um cidadão americano de um *grueneheim*, a palavra em ídiche que em inglês se traduzia por “greenhorn” e o termo utilizado para referir qualquer emigrante acabado de chegar à América e com um aspecto simplório (V. Anexo 3). Assim, desde logo, mudar o guarda-roupa era essencial, como afirma Sophie Abrams, recordando a ida às compras com a tia, logo no

dia da chegada à América: “She bought me a shirtwaist... and a skirt, a blue print with red buttons and a hat, such a hat I had never seen. I took my old brown dress and shawl and threw them away! I know it sounds foolish, we being so poor, but I didn’t care... When I looked in the mirror... I said, boy, Sophie look at you now... just like an American” (Schreier 56).

Na Velha Europa, os judeus consideravam o cabelo da mulher como o seu principal ornamento (29) e logo que se casavam, as mulheres deviam mostrá-lo apenas aos maridos e escondê-lo dos restantes homens, passando a usar lenços ou outros acessórios que cobrissem o cabelo por completo. As mulheres mais devotas à religião chegavam a rapar o cabelo e a usar um *sheitel* (peruca). Na chegada à América, muitas das mulheres abandonaram estas tradições, uma vez que, neste país, o cabelo deveria ser exibido publicamente para ser admirado e valorizar a aparência. O uso de vários estilos de penteados, segundo os padrões de moda da época, cativava as mulheres e marcava a transição entre a tradição e a modernidade: “to be American, they had to look American” (56). Tal como o lenço ou a peruca, usados pelas mulheres judias mais conservadoras, simbolizavam a sua devoção religiosa e o respeito pelas tradições ortodoxas, também o chapéu usado pelas mulheres, na América do início do séc. XX, era encarado como algo mais do que um simples acessório de moda.

Os chapéus desempenhavam um papel primordial na vida das mulheres trabalhadoras, especialmente das mulheres emigrantes que chegavam à América sem qualquer conhecimento das referências culturais e sociais que iriam ter que adoptar. Os chapéus adquiriram diferentes valores conforme o contexto em que eram usados: junto dos familiares, na rua ou nas histórias das revistas ou dos filmes. Usar um chapéu da moda em casa, junto da família, significava dar um passo no sentido do seu reconhecimento como trabalhadoras e como americanas; quando depois se exibiam com



os mesmos chapéus na rua, davam indicação do seu desejo de serem vistas como “ladies”, algo que estava, até ali, reservado às mulheres das classes média e alta. Estas últimas sentiam-se incomodadas pela ousadia das mulheres da classe trabalhadora e acusavam-nas de quererem ocupar um estatuto que não lhes pertencia: “Middle-and upper-class women critiqued working women’s display of fashion as ‘putting on airs’ and ‘playing the lady’” (Enstad 10).

O chapéu foi, de facto, nesta época, um objecto de consumo que permitiu avanços inigualáveis na atitude das mulheres da classe trabalhadora e no mundo do trabalho (V. Anexo 4). A existência de, pelo menos, vinte lojas de chapéus e seus acessórios em Lower East Side, no início do séc. XX, demonstra a importância do uso do chapéu pelas jovens da classe trabalhadora (Schreider 60). Embora se privilegiasse a quantidade em detrimento da qualidade, devido ao baixo poder de compra da classe trabalhadora, a compra de um adereço tão importante e simbólico, na sociedade americana da época, estava ao alcance da maioria (V. Anexos 5 e 6).

Muitas das jovens, como é sabido, ganhavam salários muito baixos e ainda eram obrigadas a entregar a totalidade do dinheiro aos pais. No entanto, aquelas que conseguiam ter direito a uma pequena percentagem do dinheiro que ganhavam, tentavam rentabilizá-lo o mais possível. O contacto com as últimas tendências da moda nas fábricas de vestuário, onde muitas trabalhavam, as visitas às lojas ou armazéns, onde estavam expostos os mais recentes modelos ou a simples observação das mulheres das classes média e alta, enquanto estas passeavam nas ruas, permitia às jovens com poucos recursos mas com uma grande dose de criatividade e ambição, confeccionar e/ou alterar, nas suas casas, vestidos ou chapéus semelhantes, usando para isso materiais baratos e de pior qualidade, mas cujo efeito final prometia não decepcionar. Muitas vezes, limitavam-se a actualizar peças de vestuário que já tinham, acrescentando-lhe

uma fita ou um laço ou mudando as plumas ou as flores de papel, no caso de um chapéu. Outras vezes, aproveitavam os muitos retalhos que sobravam na fábrica onde trabalhavam ou compravam qualquer peça que pudessem valorizar elas próprias, de um dos milhares de *pushcarts* que invadiam as ruas dos bairros onde viviam: “About 2,500 pushcarts were on the Lower East Side in 1906, and the mostly Jewish, Italian, and Greek peddlers sold nearly everything...” (Enstad 52). Os *pushcarts*, que não podiam estar parados no mesmo sítio mais de trinta minutos, proporcionavam uma solução acessível a muitas emigrantes residentes em Lower East Side e embora não ostentassem uma imagem sofisticada, alguns vendedores equipavam-nos com espelhos, tapetes e cadeiras, proporcionando mais algumas comodidades às suas clientes.

Além dos elegantes sapatos e dos elaborados chapéus, as jovens emigrantes não podiam descurar as restantes peças de vestuário. A roupa interior passou também a ser alvo de muita selecção mas, mais importante ainda, a imagem exterior em voga na altura tinha de ser imitada. Os corpetes, que, além de ajudarem a realçar o peito e as ancas, reduziam drasticamente a cintura, dando às mulheres uma cintura de vespa, passaram a ser obrigatórios para aquelas que efectivamente queriam apresentar-se com estilo, e o estilo marcante da época era a *American Gibson Girl*, conforme Carolyn Kitch descreve no seu livro *The Girl on the Magazine Cover*, sobre as origens dos estereótipos visuais nos meios de comunicação americanos. Nos primeiros anos do séc. XX, a revista *Ladies' Home Journal* aparecia com uma capa renovada que fez com que se tornasse a primeira revista americana com uma edição de um milhão de exemplares. Charles Dana Gibson vinha substituir Alice Barber Stephens na produção de imagens de mulheres *glamorosas* e adoptava, para isso, um estilo diferente e que agradou ao público da revista. Gibson substituíu a imagem realista das mulheres desenhadas por Stephens, por uma imagem com um traço mais simples, que ora apresentava uma

cabeça, ora um corpo inteiro, mas que se centrava no mesmo tipo de retrato, acentuando sempre um mesmo tipo de imagem e de estilo (V. Anexos 7 e 8). A *Gibson Girl* rapidamente se propagou, tornando-se o *tipo* da mulher ideal, descrita na época como:

a tall, radiant being, her gaze clear, fearless and direct, her nose slightly and piquantly uptilted. Her lips fine-modelled and alluring. Her soft hair crowning a serene brow and caught up into a dainty *chignon*. The graceful column of neck rising from the décolletage that barely concealed her delicately-rounded bosom. Her slim waist emphasized by the bodice cut of her gowns still with the vestige of a bustle and with full, smoothly-fluent skirts (Kitch 37).

Muitas outras revistas da época como a *Cosmopolitan*, a *Good Housekeeping*, as várias revistas *Harper's*, entre outras, promoveram esta imagem exaustivamente. Estava assim criado um estereótipo da moda e da imagem feminina. A *Gibson Girl* impulsionou a venda de *shirtwaists* (blusas), saias, corpetes, sapatos e chapéus e a imagem desta mulher americana aparecia em todo lado, promovendo a cultura de massas e fazendo uso de uma operação de marketing que faz lembrar muito daquilo que se faz nos nossos dias. A *Gibson Girl* foi reproduzida em peças de porcelana, incluindo pratos de colecção, almofadas, cadeiras, tampos de mesa, caixas de fósforos, cinzeiros, lenços e papel de parede (41).

Se, na Europa de Leste, a compra de novas peças de vestuário apenas acontecia em momentos tão especiais como o *Sabbath*, na América o consumo era uma actividade que não precisava de ser justificada por nenhuma data especial, bastava que houvesse uma mudança de estação e uma conseqüente alteração nas tendências da moda.

Para muitos emigrantes, a possibilidade de comprar vestuário já pronto a vestir era outra grande novidade que marcava a diferença entre a Velha Europa e o Novo Mundo, sobretudo para aqueles que viviam nas aldeias ou pequenas cidades, onde as

novidades da indústria teimavam em não chegar. Vestir roupa confeccionada fora de casa conferia uma mudança de imagem e de estatuto social. A *shirtwaist* foi um desses exemplos: era uma blusa normalmente usada com um fato de duas peças, saia e casaco, ou com uma saia longa tipo *evasé* (“A-line long skirt”), ou seja, uma saia mais justa na zona da anca e mais ampla junto aos pés (V. Anexo 9).

A blusa podia ter um colarinho de camisa ou um decote redondo mais subido no pescoço e apresentava diferentes estilos conforme a ocasião em que deveria ser usada: quando usadas por donas de casa ou pelas trabalhadoras das fábricas, era normalmente confeccionada a partir de algodão branco resistente, com um franzido simples que permitisse uma fácil movimentação de braços; podia igualmente fazer parte de um traje de passeio e, nesse caso, o tecido usado era um bom algodão, seda ou linho, liso ou estampado, com franzidos nos ombros e pormenores em rendas, cetim ou tafetá (V. Anexo 10). Por preços bastante acessíveis, a maioria das mulheres podia adquirir este símbolo da moda da época e enquadrar-se na imagem da *New Woman*.<sup>11</sup> Outra vantagem das blusas era o facto de, por serem peças pequenas e normalmente feitas de tecidos leves e finos, poderem ser lavadas e enxugadas de um dia para o outro, facto que facilitava a vida das mulheres trabalhadoras, cujas posses apenas lhes permitiam adquirir um número limitado de peças de vestuário. Ao longo da década, o estilo das blusas foi-se alterando, tendo o franzido volumoso dos ombros, que imitava o estilo da *Gibson Girl*, dado lugar, por volta de 1914, a ombros menos pronunciados e uma cintura menos apertada, que abriria as portas ao vestido de cintura descaída dos anos 20.

A *shirtwaist* simbolizava a mulher trabalhadora, uma vez que fazia parte do guarda-roupa de qualquer jovem que diariamente se deslocava para uma fábrica, loja ou

---

<sup>11</sup> O ideal de *New Woman* surgiu no final do séc. XIX e apresentava uma mulher mais liberta, mais autónoma e menos subjugada pelos ideais vitorianos. Este ideal acentuou-se no início do séc. XX, verificando-se uma presença cada vez mais constante das mulheres no espaço público, em locais de trabalho, na política e na cultura.

outro local de produção. Uma análise das imagens da época permite constatar que a generalidade das mulheres, quer fosse no local de trabalho, quer fosse nas ruas, em momentos de lazer, quer ainda nos piquetes de greve ou nas manifestações laborais, apresentavam sempre o mesmo estilo de vestuário, mais ou menos elaborado, mais ou menos colorido, de maior ou menor qualidade, conforme as posses e o atrevimento de cada uma.

Se, devido aos fracos recursos económicos, as jovens emigrantes não podiam comprar as peças mais ricas e elaboradas das lojas mais elegantes da Quinta Avenida, nem por isso deixavam de andar na moda e de surpreender. Para os emigrantes, sobretudo aqueles que tinham escolhido a América como a sua nova *homeland*, era absolutamente clara a relação simbólica entre uma nova identidade cultural e o modo de se apresentar, de se vestir. Esta realidade era especialmente interessante para as jovens solteiras que trabalhavam. As judias, como as italianas ou outras, demonstraram vontade de mudar e melhorar a sua imagem, especialmente nas deslocações para o trabalho ou em momentos de algum lazer. As raparigas italianas gozaram sempre de menor liberdade do que as suas colegas da Europa de Leste, devido a uma estrutura familiar mais patriarcal, que lhes limitava a capacidade de movimentos. Como já foi descrito, na Itália, as raparigas eram ensinadas a fazer toda a lida da casa e não estavam autorizadas a prosseguir os estudos, devido à falta de condições económicas e também porque os estudos podiam incentivá-las a outro tipo de comportamentos menos apropriados, como comunicar com os rapazes. Na América, este tipo de educação mantinha-se e as raparigas italianas tinham, de facto, menos acesso à cultura de consumo, beneficiando de menos liberdade e de menor acesso ao salário que ganhavam.

## **VI - *Working to become ladies* - Conflito e lazer nas fábricas**

Se houve aspectos em que a industrialização causou mudanças radicais foi nos trabalhos domésticos. Até às últimas décadas do séc. XIX, além de todas as outras tarefas a realizar numa casa, como as limpezas, a lavagem da roupa, a preparação de refeições, ir buscar água à fonte, aquecer a água, fabricar velas para iluminar a casa à noite, tratar dos animais e das hortas, era ainda necessário costurar. Durante muito tempo, as mulheres tiveram também ao seu encargo fazer o vestuário dos filhos, dos maridos e o seu próprio, remendar, alargar ou apertar as peças que passavam de uns filhos para outros. Só no final do séc. XIX, com o aparecimento no mercado das primeiras máquinas de costura e com a produção em série, já nas fábricas, é que a situação se alterou.

Por esta altura, muitas mulheres jovens e solteiras saíram para trabalhar fora de casa nas muitas fábricas de vestuário que foram surgindo na América do Norte. Nova Iorque foi uma das grandes cidades onde, por esta altura, se registou uma expansão enorme de todo o tipo de indústrias, mas com forte ênfase no vestuário. Durante algum tempo, os trabalhos de costura ou de confecção de peças de roupa foram ainda realizados em casa, tendo as jovens que efectuar o acabamento de certas peças ou apenas partes de peças individuais, como mangas, golas ou punhos. Eram normalmente pagas por cada peça que executavam e recebiam quantias tão baixas que as deixavam à beira da miséria. Os intermediários recolhiam depois o material já acabado, que era entregue nas grandes fábricas. Era frequentemente exigido a estas trabalhadoras e trabalhadores que tivessem máquina própria, pois só assim teriam a possibilidade de ser escolhidos para fazer estes trabalhos:

In 1854 or 1855, and later, the sewing machine was invented and introduced, and it stitched very nicely – nicer than the tailor could do; and the bosses said, “We want you to use a sewing machine; you have to buy one.” Many of the tailors had a few dollars in the bank, and they took the money and bought machines. Many others had no money, but must help themselves; so they brought their stitching, the coat or vest, to the other tailors who had sewing machines, and paid them a few cents for the stitching” (Jensen 42).

A competição era muita e cada vez mais as mulheres eram obrigadas a aceitar salários cada vez mais baixos, devido ao excesso de mão-de-obra. Apesar de muitas jovens trabalhadoras, especialmente as raparigas judias, terem já alguma experiência e conhecimentos nesta área da confecção de vestuário, os trabalhos mais bem pagos, como o desenho e corte das peças, estava destinado aos homens.

A comercialização das máquinas de costura, como a *Singer* ou outras marcas, a preços cada vez mais acessíveis, e o aparecimento de outras máquinas inovadoras como a máquina de fazer buracos para botões, fizeram com que a produção aumentasse de ritmo. A consequente redução de custos permitida pelo uso das máquinas tornou os preços mais acessíveis e fez disparar a procura. Muitas eram as técnicas de marketing usadas já na altura para divulgar as potencialidades destas máquinas e impulsionar a sua aquisição, como a publicidade, o pagamento em prestações, a venda porta-a-porta com demonstrações, aulas gratuitas, etc. Além de ser um produto de longa durabilidade era igualmente “a symbol of a family’s middle-class respectability” (37). Apesar de ser apresentado como algo que contribuía para um menor gasto de tempo na realização de tarefas que antes levavam muitas horas e muitos pontos, a realidade era bem diferente, uma vez que, ao permitir a confecção mais rápida de uma peça, outras peças se seguiam e cada vez mais ornamentadas e minuciosas: “Women with sewing machines could

produce more elaborate clothing with more seams, drapes, tucks, trimming, and ruffles than women without a machine” (37).

A segregação, em termos de salários, a que se assistia nas fábricas e nas pequenas oficinas, tinha a ver com a perspectiva que os patrões tinham relativamente ao carácter temporário das jovens operárias. Na América, esperava-se que as jovens apenas trabalhassem durante algum tempo e com o objectivo de apoiar as famílias nas despesas da casa e que, depois, casassem e se dedicassem, a tempo inteiro, à casa e à família. A ideologia que defendia a presença prioritária das mulheres na esfera doméstica continuava bastante actual no início do séc. XX, daí se dar tão pouco relevo ao trabalho das mulheres e às suas reivindicações por melhores salários e por melhores condições de trabalho, como se analisará mais à frente.

Estes valores de domesticidade eram uma preocupação para as reformadoras da classe média, que olhavam com desconfiança as jovens solteiras, sobretudo as emigrantes, que iam chegando às centenas às grandes cidades. Com o objectivo de lhes ensinar uma série de tarefas domésticas que promovessem a higiene e a organização da casa, mas também que lhes permitisse aprender hábitos de pontualidade, de empenho e obediência no trabalho, foram desenvolvidos variados projectos que tinham como objectivo prioritário transmitir valores considerados tipicamente americanos e melhorar a qualidade de vida destas mulheres. As jovens eram convidadas a participar em aulas noturnas onde pudessem familiarizar-se com o inglês mais rapidamente e onde também aprendessem boas maneiras, que passavam por saber seleccionar o vestuário apropriado à sua condição, evitando, deste modo, pôr em causa a sua respeitabilidade.

A oportunidade de trabalhar numa fábrica de grandes dimensões trazia às jovens emigrantes várias oportunidades de enriquecimento cultural e social, ao contrário dos ambientes das pequenas oficinas de bairro, onde apenas trabalhava um número reduzido



de pessoas. Por outro lado, as fábricas de maior dimensão empregavam, na maioria dos casos, pessoas de diferentes nacionalidades, enquanto nas pequenas oficinas trabalhavam, quase sempre, pessoas da mesma nacionalidade.

Numa área industrial, em que a mão-de-obra feminina chegava a ser de 80% a 90%, muitas eram as ocasiões em que era possível conviver, conversar, trocar ideias e informações, tudo formas de combater a disciplina e a monotonia do trabalho. Estas trabalhadoras, na sua maioria emigrantes e jovens, muitas vezes acabadas de chegar do seu país de origem, congratulavam-se com a possibilidade de poderem aprender algo que tornasse a sua adaptação à cultura americana mais fácil. Apesar das muitas horas dispendidas a fazer um trabalho que, além de repetitivo e cansativo, era bastante mal recompensado, a possibilidade de sair de casa e fugir ao controlo exercido pelas famílias, que, nalgumas situações, como nos caso das famílias italianas, era levado muito a sério, deixava estas jovens com uma disposição que lhes permitia enfrentar com optimismo todas as dificuldades do dia-a-dia.

Nas pequenas oficinas, geridas por homens, o ambiente já não era tão agradável, tornando-se frequentemente perturbador e até humilhante. Num espaço onde, por vezes, só estavam uma ou duas mulheres que contactavam com um ambiente maioritariamente masculino, pela primeira vez e durante longos períodos de tempo, os sentimentos mais comuns eram de insegurança, receio e descontentamento generalizado. O comportamento, por vezes rude e a linguagem vulgar e obscena dos homens, bem como o conteúdo embaraçoso das conversas entre eles, mal as máquinas se calavam por alguns segundos (normalmente relatando experiências sexuais ou piadas sobre o mesmo tópico), fazia com que as jovens trabalhadoras ansiassem pelo regresso do barulho ensurdecedor, mas que as fazia sentir mais protegidas e, de algum modo, aliviadas.

Para muitas jovens, este tratamento por parte dos colegas de trabalho, além de humilhante, tornou-se também uma decepção face às ideias que traziam relativamente ao tratamento das mulheres, na América. Se, na Europa de Leste, as mulheres já esperavam ser consideradas como seres inferiores, ao chegar à América as expectativas eram outras, uma vez que esperavam ser tratadas como *ladies*. Contudo, a concepção de *ladies* não se aplicava às mulheres que trabalhavam arduamente nas fábricas, mas sim às que estavam em casa, cuidando das tarefas domésticas e da educação dos filhos. Embora nas fábricas de maiores dimensões também houvesse bastantes situações de assédio sexual, o maior número de trabalhadoras tendia a atenuar as tentativas de abusos. No entanto, muitas jovens foram despedidas por enfrentarem os patrões ou os seus capatazes. O confronto e mal-estar crescente entre pessoas de sexo diferente no mundo do trabalho, a par com outras reivindicações, viria a ser também motivo para contestação nas greves e manifestações que se avizinhavam.

Apesar do desejo de conviver e de socializar com mulheres da mesma idade ser um atractivo no trabalho em grupo, nem tudo corria sempre bem. O trabalho de costura, se realizado com uma máquina, exigia, por parte das trabalhadoras, concentração e não permitia grandes oportunidades de convívio. O tipo de pagamento recebido por cada mulher – à peça ou à semana – condicionava igualmente os escassos momentos de diálogo. As *pieceworkers*, ou seja, as jovens que trabalhavam à peça e recebiam em função do número de peças que executavam, gozavam de uma maior autonomia em termos de horários e não eram tão controladas pelos patrões, uma vez que a responsabilidade pelo número de peças acabadas era delas e o conseqüente maior ou menor pagamento, também. Este método permitia mais momentos de socialização entre as mulheres; no entanto, manter um nível elevado de produção era também uma

prioridade, uma vez que o salário era essencial e essa coordenação nem sempre era fácil de concretizar.

A competição entre as várias trabalhadoras por melhores pagamentos podia, em certos momentos, ser foco de conflitos. O desejo de receber mais levava-as a querer ficar com os fardos com maior número de peças, para assim poderem aumentar a quantia a receber e, nessas situações, o convívio dava lugar a acesas discussões, porque, não raras vezes, os fardos maiores eram atribuídos a raparigas da preferência dos patrões. Apesar destes episódios menos pacíficos, o ambiente que existia na generalidade das fábricas era de solidariedade e de espírito de entre-ajuda.

As trabalhadoras pagas à semana, ao contrário das *pieceworkers*, não usufruíam da mesma liberdade e eram obrigadas a cumprir horários e níveis de produção de acordo com as vontades dos patrões. O pagamento semanal não variava em função do número de peças terminadas, por isso, os incentivos eram poucos ou nenhuns e, através de medidas que passavam por multas e/ou ameaças de despedimento, os patrões tentaram disciplinar os trabalhadores. A exigência de horas de trabalho extra em alturas de maior produção, sem qualquer compensação monetária, era uma das medidas que mais desagradava aos trabalhadores.

Embora as restrições do ambiente de trabalho condicionassem os momentos de lazer, as jovens encontravam soluções para usufruir de algum tempo de divertimento. Se o trabalho não permitia a troca de palavras, devido ao barulho das máquinas ou à presença constante do patrão, então a meia de hora de almoço ou o tempo gasto nos percursos de casa para o trabalho e vice-versa, permitiam contar as novidades ou trocar impressões sobre assuntos variados.

Muitas jovens emigrantes, especialmente as judias, tinham chegado à América com um objectivo bem delineado: continuar os estudos que o judaísmo ortodoxo lhes

tinha proibido. No conto de Anzia Yezierska, já mencionado, “How I Found America”, uma jovem judia recentemente chegada da Europa, questiona-se relativamente às oportunidades de estudo disponíveis na América:

“Oi weh! Yetta! I can’t stand it!” The cry broke from me. “I didn’t come to America to turn into a machine. I came to America to make from myself a person. Does America want only my hands – only the strength of my body – not my heart – not my feelings – my thoughts? . . . “What for did I come to America but to go to school – to learn – to think – to make something beautiful from my life...” (1991: 115).

Uma vez na América, tinham essa liberdade de escolha, mas o facto de serem obrigadas a trabalhar para ajudar nas despesas da família ou para juntar dinheiro para enviar aos familiares, ainda na Europa, fez com que desistissem ou adiassem esse projecto. O dia longo de trabalho desencorajava a frequência da escola e a única solução disponível era aprender com as colegas do trabalho, pois algumas tinham frequentado já a escola na América e sabiam mais inglês. Todas as oportunidades disponíveis para “greening themselves out” (Schreier 92) eram aproveitadas pelas jovens, que eram frequentemente não só alvo de troça, mas também de discriminação.

Modernizar-se significava adoptar, como já foi observado anteriormente, uma atitude de recusa e rebeldia perante certas tradições da Velha Europa, como era o caso dos casamentos arranjados. Nos países da Europa de Leste, o *shadkhen* (ou *matchmaker*) andava de aldeia em aldeia, procurando, nas diferentes famílias, o noivo ou noiva que melhor agradava em cada situação. Já na América e com as inúmeras possibilidades de conhecer pessoas do outro sexo, permitidas pelo ambiente de trabalho e mais encorajadas ainda pelos momentos de lazer, o conceito de casamento combinado deixava de fazer sentido. A personagem Shenah Pessah do conto “Wings”, de Anzia

Yeziarska, demonstra convictamente a sua recusa em aceitar um noivo arranjado por Mrs. Melker, uma casamenteira: “ Don’t worry yourself for me,” she commanded, charging into the room. “Don’t take the pity on my years. I’m living in America, not in Russia. I’m not hanging on anybody’s neck to support me. In America, if a girl earns her living, she can be fifty years old and without a man, and nobody pities her” (1991: 9).

Ao lado das questões da moda, dos filmes, dos parques de diversão, todos os assuntos relacionados com romance despertavam nas jovens grande interesse e entusiasmo. A vontade de poder casar por amor e não por conveniência fazia parte dos temas de conversa das raparigas emigrantes; no entanto, muitas terão optado por um casamento que lhes permitisse sair da casa dos pais e deixar o árduo trabalho das fábricas antes que fosse tarde demais. Muitas outras, menos realistas, idealizaram um casamento por amor, nos moldes do ideal americano de que a primeira e principal função da mulher deveria ser a de estar em casa e assegurar todas as tarefas domésticas que contribuíssem para o equilíbrio familiar, enquanto ao marido e só a ele estava destinado o papel de *breadwinner*.

As alterações na organização social do trabalho e a enorme expansão verificada em termos de oportunidades de emprego, a partir de 1900, proporcionou às mulheres novas e diferentes experiências laborais. Embora muitas das pequenas oficinas de Nova Iorque continuassem a absorver muita mão-de-obra feminina, verificou-se uma transferência substancial de jovens trabalhadoras para as grandes fábricas, que abriam constantemente, tentando responder às crescentes exigências do mercado, nomeadamente na produção em série de vestuário. A saída de um ambiente de trabalho muito restrito, de carácter, por vezes, familiar, permitiu às jovens um contacto com o exterior que até então se limitava às ruas degradadas dos bairros que habitavam. A rua,

espaço percorrido diariamente para o trabalho, despoletou uma alteração nos padrões de sociabilidade até aí existentes: o contacto com outras e outros jovens e com os espaços de consumo e de lazer, em franca expansão na altura, permitiram uma alteração de comportamentos e levaram as jovens a investir na sua imagem, reinventando-a, e assim, reinventando também a sua identidade como cidadãs americanas. O acesso à rua, espaço de contacto social por excelência, facilitado pela entrada no mundo do trabalho, abriu caminho a diversas transformações sociais, políticas e culturais e permitiu às jovens trabalhadoras o desenvolvimento de uma consciência mais activa e mais atenta que seria essencial nas lutas laborais a travar pouco tempo depois.

## **VII - *Goods suitable for the millionaire, at prices in reach of the millions* – As mulheres e a cultura de consumo**

Este slogan publicitário de 1897 sintetiza a filosofia de consumo em pleno desenvolvimento nos Estados Unidos da América e orientava as técnicas comerciais e publicitárias do fim do século XIX e início do século XX (Olian s.p.). A publicidade assegurava a homogeneidade e conferia segurança e estabilidade, “If an object of the same design and brand was widely used by many others, this seemed an assurance of its value” (id.).

Com o desenvolvimento industrial da segunda metade do séc. XIX, assistiu-se, nos Estados Unidos, a uma mudança nos hábitos de consumo. As transformações verificaram-se a todos os níveis: as lojas mudaram de aspecto e de dimensão, a publicidade tornou-se uma forte estratégia de vendas, tendo-se apostado cada vez mais nas suas variadíssimas possibilidades, as novidades em termos de produtos comercializados foram imensas, além daqueles bens desde sempre adquiridos e considerados essenciais, como a alimentação, o vestuário ou o mobiliário, enquanto outros bens passaram a ser comercializados, como o lazer (foram disso exemplo, os parques de diversão de Coney Island). Mudaram também os modos de aquisição e a frequência do consumo. Igualmente importantes nesta transformação foram aspectos como a identidade sexual, a classe social e a raça.

Os grandes armazéns, ou *department stores*, surgiram um pouco por toda a parte e revolucionaram definitivamente o conceito de consumo. Ofereciam aos clientes espaços amplos onde se expunham enormes quantidades de produtos para os mesmos efeitos, que, pela sua organização e disposição, captavam a atenção dos visitantes. Estes, por vezes, apenas se passeavam pelo espaço, sem nenhum objectivo de compra

em mente. As grandes e atraentes montras, alteradas a cada novidade, a cada estação, a cada época festiva, obrigavam os transeuntes a parar para admirar os produtos expostos. A compra por catálogo também surgiu nesta época, tendo desempenhado um papel muito importante, uma vez que os catálogos chegavam às pequenas cidades e aldeias e permitiam o acesso de todos a todas as novidades, disponibilizando informação pormenorizada àqueles que viviam longe dos grandes centros. Outra vantagem da entrega gratuita destes catálogos por todo o país era evitar o êxodo da população rural para as grandes cidades, fazendo-lhes chegar todas as novidades que podiam facilitar a vida nos seus diferentes aspectos. O catálogo da *Sears*, um dos mais famosos da época, além de apresentar todo o tipo de novidades em áreas tão diversas como as últimas tendências da moda, de mobiliário, equipamento agrícola, música e literatura, oferecia igualmente ao “Mr American Husband” informação sobre como instalar um sistema completo de canalização na sua própria casa, fornecendo *kits* de montagem, esquemas e instruções detalhadas.

Estes catálogos revelaram-se igualmente úteis para os emigrantes que, ao chegar a um país tão diferente, viam neles manuais facilitadores da sua integração. De facto, folheando os catálogos, podiam obter uma ideia aproximada da forma como os americanos se vestiam ou mobilavam as suas casas. O suplemento de culinária, publicado duas vezes por mês, prestava igualmente um apoio importante na forma como confeccionar os alimentos *à americana*.

Devido à generalização da produção industrial de vestuário, no início do séc. XX, as mulheres deixaram de confeccionar elas próprias, em casa, as suas roupas ou as da restante família. A produção em massa dos artigos de vestuário teve como consequência uma efectiva redução dos preços desses artigos, estando assim disponíveis a todas as classes sociais. Uma das peças de vestuário mais emblemáticas da época foi a



*shirtwaist*, que já tive oportunidade de comentar, e que esteve disponível no catálogo da *Sears* durante vinte e cinco anos. A blusa, tão popularizada pelas figuras femininas de Charles Dana Gibson de que já falei, era extremamente versátil, porque podia ser usada em variadas ocasiões, com um fato ou apenas uma saia, conferindo variedade ao vestuário e aparecia nos catálogos a preços tão diversos como de 49 cêntimos até \$6.95, em 1914. A popularidade desta peça de vestuário atingiu um tal nível que, em Nova Iorque, em 1910, a sua produção atingiu os sessenta milhões de dólares.

A publicidade começou a ser dinamizada por grandes agências que desenvolviam técnicas insuperáveis, de modo a envolver potenciais clientes. Novas técnicas de impressão, posters coloridos de grandes dimensões, afixados em painéis exteriores, à vista de todos (*billboards*) ou imagens cativantes em revistas e jornais cumpriam o seu papel em atrair mais clientes, demonstrando a eficácia e/ou elegância de determinados produtos. Os anúncios pequenos e monótonos que surgiam aqui e ali, foram sendo substituídos por imagens coloridas e tentadoras, que ocupavam espaços bem seleccionados. O acesso facilitado ao crédito (primeiro, sob a forma de pagamento a prestações ou *installment plans*) fez igualmente disparar o consumo, sobretudo nas camadas sociais menos privilegiadas, mas que aspiravam a uma certa mobilidade social e a uma maior adaptação ao estilo de vida americano, como sucedeu com muitos emigrantes.

O tipo de produtos disponíveis para consumo também se alterou, em quantidade e em qualidade. Artigos oriundos de outros países, como a seda do Japão ou os tapetes da Turquia, foram captando a atenção, bem como produtos fabricados a partir de novas matérias-primas, como sucedeu com o plástico, surgido em 1850. Tudo se conjugou para alterar definitivamente o aspecto das prateleiras e das montras.

O comércio do lazer, associado ao desenvolvimento das indústrias da cultura, embora já existisse anteriormente, atingiu proporções gigantescas, porque passou a estar acessível a um número muito maior de pessoas de diferentes classes sociais e de diferentes etnias, atraindo quer homens, quer mulheres. Algumas campanhas de higiene lançadas nas escolas, por volta de 1900, incentivando ao uso do sabão e da pasta de dentes, levaram a um aumento substancial do consumo deste género de produtos, contribuindo assim para uma mudança de atitudes em termos de hábitos de higiene. Influenciada provavelmente por uma dessas campanhas, Mashah, outra personagem feminina de Yeziarska, gasta parte do seu salário em artigos de higiene, causando a ira da mãe: “‘Empty-head!’ cried mother. ‘You don’t own the dirt under their [American family] doorstep and you want to play the lady.’ But when the day for the wages came, Mashah quietly went to the Five and Ten Cent Store and bought, not only a toothbrush and a separate towel for herself, but even a separate piece of soap” (1975: 6).

O consumo de determinados produtos, normalmente adstritos a um dos sexos, como foi o caso do tabaco, habitualmente consumido só por homens, sofreu também grandes alterações com a mudança de hábitos de consumo das mulheres. Além de todas as alterações acima descritas, assistiu-se também, no início do séc. XIX, ao aparecimento de variadas revistas direccionadas para o público feminino. Tal como em muitas outras áreas, o conteúdo e a filosofia destas revistas foram-se alterando, conforme também se alteraram os papéis das mulheres, quer em termos familiares, quer em termos profissionais. Numa época em que a família tinha um papel central e se proclamava que “a woman’s domestic duty was also her patriotic duty” (Walker 33), tudo se deveria conjugar para não perturbar esse equilíbrio que se pretendia harmonioso. A revista *Godey’s Lady’s Book*, que iniciou a sua publicação em 1837, direccionada para uma classe social mais abastada, preconizava a educação e a formação cultural da

mulher, não como forma de emancipação, mas sim, mais uma vez, para melhorar a qualidade da vida doméstica e melhor saber ouvir o marido, passando desse modo a estar familiarizada com os seus interesses intelectuais. Saber ouvir o marido de forma inteligente seria uma forma de evitar que este procurasse companhia noutra lugar e se perdesse em “dissipations” (34).

Esta e outras revistas, que foram surgindo ao longo do século, prestavam conselhos às mulheres sobre a realização de tarefas domésticas, tentando sempre contribuir para um aperfeiçoamento da mulher como dona de casa. O aparecimento dos primeiros electrodomésticos, publicitados como facilitadores das muitas tarefas a realizar em casa, levou a que muitas revistas femininas se especializassem nesta área. A crescente profissionalização do trabalho doméstico, como nota Walker, no fim do séc. XIX, aparecia retratada em livros e revistas que descreviam as enormes vantagens de aplicar no trabalho doméstico, os princípios da ciência e da tecnologia, já utilizados na própria indústria do país (34).

Embora não se trate aqui de explorar o conteúdo dessas revistas ou de analisar as diferentes formas de apresentar as constantes inovações e as estratégias usadas para cativar o interesse do público feminino para elas, é absolutamente necessário verificar a forma como estas revista intervieram, de um modo tão dinâmico, no desenvolvimento de uma cultura de consumo que assumiu proporções marcantes na época.

Cyrus H. K. Curtis e Louisa Knapp Curtis, marido e mulher, editores da revista *Ladies' Home Journal*, aperceberam-se do crescente interesse prestado à secção denominada “Women and Home”, do seu jornal *Tribune and Farmer* e decidiram transformá-la numa revista que se tornou uma das mais vendidas no país. A publicação, dirigida por Louisa, destinada essencialmente às mulheres da classe trabalhadora, abrangia aspectos diversos da vida doméstica e, ao mesmo tempo que aconselhava as

mulheres a obterem maiores e melhores sucessos nas tarefas do lar e apresentava alguns textos de ficção para entretenimento, disponibilizava também anúncios publicitários de produtos que estavam em sintonia com os conselhos anteriormente dados. Também na literatura da época, a importância destas revistas se fazia notar, realçando o apoio que as revistas poderiam proporcionar aos emigrantes, como acontece, neste caso, em mais um conto de Anzia Yeziarska:

David was always trying to make myself over for an American. Sometimes he would spend out fifteen cents to buy me the “Ladies’ Home Journal” to read about American life, and my whole head was put away on how to look neat and ne up-to-date like the American girls. Till long hours in the night I used to stay up brushing and pressing my plain blue suit with the white collar what David liked, and washing my waists, and fixing up my hat like the patterns magazines show you (1991: 64).

Numa fase em que as mulheres se tornavam cada vez mais consumidoras, uma vez que muitas, sobretudo as mais jovens e solteiras, trabalhavam fora de casa, contactando diariamente com as novidades em áreas como a moda e o entretenimento, era de esperar que a publicidade passasse a desempenhar um papel tão importante. Por outro lado, a alteração no processo de transmissão de sabedoria doméstica, que, até há pouco tempo, se fazia directamente de mãe para filha, começava a alterar-se, uma vez que as raparigas, cada vez mais, saíam de casa muito jovens para trabalhar, limitando as ocasiões para essa aprendizagem. Fazia, assim, todo o sentido apelar à leitura das revistas que ensinavam, com recursos mais modernos, todos os conhecimentos para se poder ser, um dia, uma dona de casa virtuosa.

A vontade de melhorar a sua condição económica e social, associada ao desejo de quererem ser vistas como americanas, levava, sabemos bem, à aquisição de produtos

que as identificassem com essa imagem. A compra de revistas com moldes de papel para fazer em casa as peças de vestuário que reflectiam as últimas tendências de moda, ao lado da já referida venda de produtos por catálogo, vinham ao encontro das necessidades das mulheres como consumidoras, ao mesmo tempo que alimentavam ideais de ascensão social.

Embora alguns emigrantes que partiam de algumas cidades da Europa em direcção à América estivessem já habituados a um certo conforto material e não estranhassem tanto, à chegada, o ritmo das cidades americanas, nem tivessem que fazer um esforço tão grande de adaptação, a maioria daqueles que saíam dos *shtetl*, oprimidos não só pela perseguição, mas sobretudo pela pobreza extrema, tiveram que realizar um esforço, nem sempre fácil para os jovens e quase sempre muito difícil para os mais velhos, para se adaptarem à nova vida que os esperava. A mudança de país e o início de uma nova vida num local tão diferente e com costumes tão distintos, implicava mudanças a vários níveis, sendo o principal, numa fase inicial, a mudança de imagem que facilitava a integração e a aceitação.

A aquisição de um chapéu, de um casaco ou de um par de sapatos na chegada à América tinha, como já foi referido, um significado simbólico, uma vez que fazia coincidir a tentativa de parecer americano com o acto de consumir. Andrew Heinze explora esta relação como intrínseca, num artigo intitulado “From Scarcity to Abundance: the Immigrant as Consumer”: de acordo com o seu argumento, tornar-se consumidor era um passo para se integrar na sociedade e parecer, de modo convincente, um ou uma americana. As diferenças entre os cidadãos americanos e os emigrantes eram óbvias em termos laborais, uma vez que estes últimos realizavam os trabalhos mais árduos e normalmente recusados pelos primeiros, mas, em termos de hábitos de

consumo, as diferenças foram-se esbatendo porque, desde muito cedo, os emigrantes se deixaram seduzir pelos apelos ao consumo que surgiam de toda a parte.

Nem todos os emigrantes, como já foi referido, embarcaram, do mesmo modo, nos hábitos de consumo da sociedade americana. Aqueles que vinham da Europa de Leste, especialmente da Rússia, da Polónia ou da Hungria, fugiam a péssimas condições de vida e à violência e traziam na sua mente a decisão de não regressar à sua terra, onde, para eles, não havia qualquer possibilidade de futuro. Os italianos traziam na bagagem apenas a vontade de trabalho, de modo a arrecadar o suficiente para depois regressar ao seu país de origem, reencontrar a família, comprar uma parcela de terreno e recomeçar tudo de novo. Ao contrário dos italianos, que normalmente emigravam sozinhos, os judeus, embora, muitas vezes, enviassem inicialmente um membro da família para iniciar a mudança, acabavam por reunir a família na América e iniciar aí uma nova vida. Tendo à partida intenções distintas, estes emigrantes adoptaram também atitudes bastante diferentes na sua integração.

Os judeus eram, na Europa, tradicionalmente artesãos e comerciantes, viviam geralmente em condições menos agrestes e alguns conheciam até o conforto das cidades. O próprio sentido comunitário, inspirado nas tradições judaicas, levava a que muitos partilhassem bens alimentares, diminuindo as dificuldades dos mais pobres. A América significava, para eles, a libertação, quer da opressão económica, quer das perseguições anti-semitas. A abundância que a América prometia e que vinha anunciada nas cartas dos familiares que já para lá tinham partido, desencadeava, naqueles que ainda permaneciam na Europa, uma enorme vontade de partir e de começar uma nova vida. A intenção de ficar na América e de se integrar, o melhor e o mais rapidamente possível, condicionou o posicionamento dos judeus perante o consumo. No artigo já mencionado, Heinze faz referência aos estereótipos relacionados com estes dois tipos de

emigração: por um lado, os italianos, pouco abertos às mudanças e a qualquer esforço de adaptação, são designados por *cafone*; por outro lado, os judeus dispostos a integrar-se e a adoptar hábitos genuinamente americanos, eram designados por *allrightnik* (198).

Ultrapassada a dificuldade da aprendizagem do inglês, na qual os judeus se empenhavam, a aquisição de outros hábitos era simples e célere: a adaptação a novos hábitos alimentares, com a possibilidade de fazer refeições mais variadas e mais completas, a adesão imediata ao estilo de vestuário que marcava a vontade de assumir a nova identidade, a aquisição de bens como mobiliário, pianos, electrodomésticos, etc, mostrava que, apesar de muitos emigrantes quererem integrar-se na sociedade americana, os judeus foram os que mais depressa recorreram a todos os meios que lhes eram acessíveis, sobretudo aqueles que o consumo permitia, para depressa serem vistos como fazendo parte da sociedade. Para esta rápida adaptação, foi essencial o conhecido sentido de empreendedorismo dos judeus e sinal disso foi o próspero comércio de retalho instituído por muitos judeus e onde é possível encontrar diferentes exemplos em Lower East Side. A natural predisposição para o negócio aparecia em cada rua, em cada mercearia, bar, restaurante, joalheria ou loja de móveis.

O espírito de iniciativa dos judeus tantas vezes verificado na criação e dinamização de diferentes formas de negócio que lhes permitiram evoluir e prosperar, verificou-se também a outros níveis, nomeadamente no despoletar dos movimentos laborais, altura em que diversas mulheres judias demonstraram a sua capacidade de instigar e mobilizar outras na luta por melhores condições de trabalho, como a seguir se verificará.

## **VIII – Meanings given by work and fashion – O lazer, a moda e as lutas laborais**

The crowd yelled in one voice: “Raise the ladders!”

“But the ladder had been raised,” Rubino says. “It was raised to its fullest length. It reached only to the sixth floor.”

The crowd continued to shout. On the ledge, the girl stopped waving her handkerchief. A flame caught the edge of her skirt. She leaped for the top of the ladder almost 30 feet below her, missed, hit the sidewalk like a flaming comet.” (Stein 18).

Este é um extracto do livro de Leon Stein que retrata, em pormenor, todos os acontecimentos do incêndio que, no dia 25 de Março de 1911, destruiu completamente uma fábrica de confecção de vestuário e provocou a morte de cerca de 146 pessoas, na maioria, jovens mulheres. A leitura das diferentes partes que compõem este livro faz-nos crer, em determinados momentos, que estamos perante o argumento de um qualquer filme, baseado em ficção, mas o relato tão vivo e pormenorizado e os diferentes testemunhos despertam-nos para uma realidade angustiante que efectivamente aconteceu. Embora certos relatos possam ter sido influenciados por alguma dose de criatividade, como acontece nestas situações, a verdade dos números fala por si.

Para nós, cidadãos do séc. XXI, embora um acontecimento destes não deixe de ser um choque, já não parece causar grande consternação ou horror tomar conhecimento de acontecimentos como aquele que Stein nos descreve, tal é a frequência com que somos surpreendidos por catástrofes, de origem natural ou não, quase diariamente. Mas, no início do séc. XX, apesar dos acidentes de trabalho serem bastante frequentes, o incêndio da Triangle Shirtwaist Factory foi uma tragédia que abalou uma nação inteira. Uma das razões para essa repercussão foi o facto de grande maioria das vítimas serem ainda muito jovens; outra, foi o reconhecimento público tardio das condições de



insegurança em que estas, como muitas outras mulheres, noutros locais, trabalhavam e contra as quais já anteriormente se haviam manifestado sem, no entanto, obter quaisquer resultados significativos. De facto, como irei fazer referência mais à frente neste capítulo, já durante as greves anteriores a 1911, se tinham reivindicado melhores condições de segurança nas fábricas de vestuário e a Triangle Shirtwaist Factory também tinha sido objecto de reivindicações nesse sentido.

Numa época em que o desenvolvimento industrial era imparável, proliferando as fábricas de automóveis, de electrodomésticos e de muitos outros produtos que mudariam para sempre a vida dos cidadãos, começavam a ser frequentes os episódios de conflito entre trabalhadores e patrões. Indústrias como a do vestuário, que cresciam à custa da exploração dos seus trabalhadores, muitos deles emigrantes, começavam a sentir a pressão para que as condições de trabalho fossem melhoradas. Na fábrica de Max Blanck e Isaac Harris, os chamados “Shirtwaist Kings” (Drehle 37), trabalhavam, em alturas de maior exigência de mercado, mais de quinhentos trabalhadores, na maioria mulheres, e produziam-se diariamente cerca de duas mil blusas, com um lucro de um milhão de dólares ao ano (37). A Triangle era a maior fábrica do género na cidade de Nova Iorque e produzia, para todo o país, a peça de vestuário preferida pela grande maioria de mulheres, sobretudo por aquelas que tinham um emprego fora de casa, cerca de cinco milhões, em 1910.

Blanck e Harris tinham sido eles próprios, como a maioria dos seus empregados, emigrantes vindos do Leste da Europa, por volta de 1890. Apesar de passarem por tempos muito difíceis à chegada, devido à depressão económica de 1892, os dois homens aventuraram-se na produção de vestuário, como muitos judeus da época. O aparecimento de novas tecnologias que aceleravam os ritmos de produção, a crescente procura de vestuário pronto-a-vestir e a chegada de milhões de emigrantes, que criaram

uma mão-de-obra extremamente barata e disponível, foram factores que conduziram à grande prosperidade das fábricas de vestuário. Na viragem do século, mais de metade dos emigrantes em Nova Iorque trabalhavam nesta indústria, elevando os níveis de produção nunca anteriormente vistos. Hester Street, em Manhattan, era o local onde muitos emigrantes, acabados de chegar da Europa e sem outros contactos, esperavam para ser recrutados por empregadores, muitas vezes, sem quaisquer escrúpulos.

Apesar de pobres, muitos desses emigrantes, especialmente os judeus que vinham dos países da Europa de Leste, tinham já alguma experiência na confecção de vestuário e traziam consigo também a determinação de melhorar a sua vida, além do sentido de empreendedorismo que os caracterizava. Foi provavelmente o que sucedeu com Blanck e Harris que, em poucos anos, conseguiram erguer um império, tendo, no entanto, esquecido rapidamente as suas origens e o seu difícil início de vida nos Estados Unidos da América.

Perante a crescente procura da *shirtwaist*, que se usava em todas as ocasiões, no trabalho, na universidade, em passeio, numa ida ao restaurante ou em actividades desportivas, Blanck e Harris decidiram apostar numa fábrica de grandes dimensões no centro de Nova Iorque. A nova fábrica situada num prédio de dez andares e com uma área inicial superior a nove mil m<sup>2</sup>, permitia-lhes rentabilizar o investimento em máquinas e materiais, pelo facto de disponibilizar espaço a muitas mais máquinas de costura, que dariam lugar a maior produtividade e lucro. A exploração das trabalhadoras, essa, continuava, obrigando-as a infundáveis dias de trabalho, salários baixos e um controle permanente dos seus movimentos. Algo tinha mudado, no entanto. Enquanto os trabalhadores das pequenas fábricas espalhadas por Nova Iorque tinham imensa dificuldade em reivindicar e lutar por melhores condições de trabalho, devido ao facto de serem um número reduzido por fábrica e por temerem o despedimento, as

grandes fábricas, como a Triangle, reuniam, num só espaço, centenas de trabalhadores que, unidos, teriam certamente uma maior força na luta por melhores condições. Efectivamente, a pouco e pouco, nas breves pausas para almoço ou nas deslocações, os trabalhadores e trabalhadoras iam conversando sobre as suas condições de trabalho e algumas vozes mais descontentes e ousadas foram surgindo, logo reprimidas pelo despedimento.

Todavia, a movimentação em diferentes fábricas da cidade acabou por apresentar alguns resultados. Para isso contribuiu o empenho de algumas mulheres de origem judia, como Clara Lemlich ou Rose Schneiderman, activistas do movimento sindical, que tentavam despertar, nas colegas de trabalho, o espírito de revolta e de luta por salários mais justos, melhores condições de segurança e higiene e pelo direito à união sindical. Em Setembro de 1909, cerca de cento e cinquenta trabalhadores da Triangle reuniram com líderes sindicais da *Local 25* e da *Women's Trade Union League* (WTUL). Os proprietários da fábrica, ao tomarem conhecimento desta reunião, ameaçaram os trabalhadores de despedimento, caso estes se envolvessem em qualquer actividade organizada por sindicatos. Apenas um dia depois, e perante a persistência de alguns trabalhadores, Blanck e Harris fecharam a fábrica e colocaram anúncios nos jornais procurando novos candidatos para lá trabalharem. Tal prepotência desencadeou, nos trabalhadores impossibilitados de entrar, a decisão de entrar finalmente em greve.

Os piquetes de greve eram frequentemente atacados por fura-greves que podiam ser delinquentes ou prostitutas, contratados pelos próprios patrões, para provocar e agredir as jovens, e fazê-las desesperar e desistir dos seus propósitos. Foi o que sucedeu, por exemplo, com Clara Lemlich, uma jovem nascida na Ucrânia, numa família de judeus, que trabalhava na fábrica de blusas de Louis Leiserson e que transpunha para os modelos reais das blusas as ideias desenhadas em papel. Embora não tivesse razões de

queixa pessoais relativamente a questões salariais, Clara Lemlich não suportava a forma humilhante como muitas mulheres eram tratadas em diversas fábricas, não só devido aos baixos salários, mas também pelo facto de serem sujeitas a uma constante fiscalização, quer no controle feito nas suas idas à casa de banho, quer pela verificação dos seus pertences, à saída da fábrica, com o intuito de verificar se levavam retalhos de tecido ou outros materiais. Clara decidiu, a partir de 1906, colaborar com a International Ladies' Garment Workers' Union (ILGWU) e tentar, desse modo, convencer outras jovens a unir-se ao movimento sindical. Clara Lemlich foi brutalmente agredida por um grupo de homens que, já anteriormente, tinham causado distúrbios no piquete de greve. Perante os frequentes casos de agressão às jovens em greve, a polícia adoptava uma atitude de passividade inicial e actuava depois da confusão instalada, agredindo também as jovens manifestantes e levando-as presas, alegando desacato na via pública.

Com o objectivo de denunciar as injustiças nas fábricas e tentar organizar os trabalhadores, foram surgindo, como já foi referido, no fim do séc. XIX e início do séc. XX, várias organizações sindicais, de maior ou menor relevo mas que sempre enfrentaram a dificuldade do reconhecimento, não só pelos patrões, que viam nelas uma ameaça, mas também pelos próprios trabalhadores, que, por várias razões, não se sentiam motivados para as lutas laborais. Em 1903, com o propósito de melhorar a situação laboral de muitas trabalhadoras, foi criada a Women's Trade Union League (WTUL), por um grupo de reformadores sociais, à qual pertenciam muitas mulheres das classes média e alta, que consideravam fundamental alertar as mulheres da classe trabalhadora para a necessidade de se unirem e, num esforço conjunto, melhorarem as condições de vida das mulheres em todo o país.

Nas duas primeiras décadas do séc. XX, a WTUL conseguiu, efectivamente, que várias centenas de trabalhadoras se unissem aos seus esforços para alterar as condições

de trabalho das fábricas. Apesar das muitas tentativas realizadas para cativar trabalhadoras de todas as profissões, foi na área da confecção de vestuário que se verificou uma maior adesão das mulheres. Convém lembrar, a este propósito, que já a greve de 1909, conhecida como “The Uprising of the 20,000” teve a participação de mais de trinta mil trabalhadores, dos quais 85% eram mulheres. A WTUL e a ILGWU tiveram um papel fulcral na organização das trabalhadoras.

Apesar de, na segunda década do séc. XX, muitas mais trabalhadoras apoiarem o movimento sindical, esse acréscimo vinha apenas da área da produção do vestuário, verificando-se uma fraca adesão por parte das trabalhadoras de outras indústrias. A suspeição com que as trabalhadoras eram vistas pelos líderes das uniões sindicais levava a um descontentamento e falta de confiança por parte delas. Quando a WTUL de Nova Iorque iniciou os seus trabalhos, baseou-se nos métodos e nas políticas da American Federation of Labor (AFL), organização com a qual colaborava e que tinha iniciado a sua actividade em 1886, dedicando-se principalmente à defesa dos interesses dos trabalhadores do sexo masculino. Samuel Gompers, o presidente da AFL nesta época, nunca investiu nos interesses das mulheres trabalhadoras e desconfiava das intenções da WTUL, pelo facto de os seus líderes pertencerem às classes sociais mais privilegiadas e também pela ligação desta organização ao movimento feminista.

Na ânsia de começar a trabalhar, a WTUL não se apercebeu de quão inadequados eram aqueles métodos e aqueles princípios, no caso das mulheres trabalhadoras, sem experiência, sem formação, com salários muito baixos e uma situação laboral instável. A AFL não investia na protecção dos direitos das jovens trabalhadoras pelos mesmos motivos, mas vendo-os segundo a sua perspectiva: as jovens eram trabalhadoras sem qualquer qualificação, logo, punham em risco a segurança e os salários já conquistados pelos homens; como emigrantes, causavam

instabilidade num grupo de trabalhadores com valores comuns; e como mulheres, a sua permanência nos locais de trabalho seria breve uma vez que rapidamente deveriam regressar a casa, cumprindo as funções a elas destinadas após o casamento. Por outro lado, o facto de a maioria das raparigas, com necessidade de apoio, serem emigrantes, de origem italiana ou judia, levava a que muitas simplesmente não compreendessem as intenções dos sindicatos. A barreira da linguagem, associada às realidades culturais e sociais de cada grupo étnico, tornou a experiência do sindicalismo difícil. Finalmente, os membros das uniões sindicais não fizeram uma correcta avaliação da situação destas mulheres, uma vez que não tiveram em linha de conta, nomeadamente, o seu estatuto como trabalhadoras e, por outro lado, o seu estatuto como mulheres nos contextos sociais e culturais a que pertenciam. As trabalhadoras foram apenas encaradas como qualquer outro trabalhador. Ora, a experiência laboral das mulheres não podia ser encarada da mesma forma que a dos homens, uma vez que os papéis sociais atribuídos a cada um deles, na sociedade americana, eram completamente distintos, as vivências completamente diversas e as expectativas de vida bastante diferentes.

Lilian Wald, que também colaborou com as impulsionadoras da Women's Trade Union League, e que acreditava na cooperação entre as mulheres de diferentes classes sociais para atingir uma melhoria geral das condições de vida das mulheres, fundou o Henry Street Settlement, instituição de carácter social que dava apoio às famílias mais pobres dos bairros de Manhattan, prestando cuidados médicos básicos às mulheres e aos seus filhos, dando formação em termos de cuidados de higiene, ensinando a preparar refeições ou a fazer pequenos trabalhos de costura, além de organizarem actividades de lazer. De facto, em Lower East Side, destino de tantos emigrantes no final do séc.

XIX,<sup>12</sup> as condições das habitações eram deploráveis. À falta de privacidade já anteriormente referida, devido ao excessivo número de habitantes por apartamento, juntavam-se a falta de condições de ventilação e luminosidade e a ausência de casas de banho, uma vez que apenas existia uma por piso. Mediante estas condições, o trabalho realizado por instituições como a de Lilian Wald, revelava-se extremamente necessário.

Wald e as suas colaboradoras tentavam igualmente melhorar a conduta das jovens, muitas delas trabalhadoras, que contribuía semanalmente, com os seus salários, para as despesas das famílias, transmitindo-lhes aquilo que consideravam ser os valores americanos: as jovens deveriam dedicar-se ao seu trabalho, evitar gastos excessivos e ser moderadas nas suas atitudes. Essa moderação passava por evitar usar roupas excessivamente coloridas e ornamentadas, maquilhagem exuberante ou penteados extravagantes que apenas chamavam a atenção e lhes conferiam um aspecto vulgar, frequentes vezes comparado ao das prostitutas. A crítica às opções de moda feitas pelas jovens emigrantes vinha de vários sectores: das uniões sindicais, dos reformadores, da imprensa, de familiares e de elementos do próprio grupo étnico de que as jovens faziam parte. Os ensinamentos prestados às jovens pelas reformadoras, alertando para a necessidade de adoptar uma atitude mais modesta, mais simples e até mais circunspecta, não mereciam, da parte de muitas delas, grande atenção (Prell 43). A imitação das roupas usadas pelas mulheres das classes mais ricas era, frequentemente, criticada e ridicularizada, mas as jovens eram também acusadas de negligenciarem as suas famílias, gastando, em pequenas frivolidades, o dinheiro necessário aos bens de primeira necessidade. Sabemos, no entanto, como já foi anteriormente analisado, que a

---

<sup>12</sup> Brody, Seymour. "Lilian Wald (1867-1940)." *Jewish Virtual Library* . 24-08-2010 <<http://www.Jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/wald.html>>.

maioria das raparigas trabalhadoras passava muitas vezes por dificuldades, evitando gastos em alimentação, ou em transportes para poder poupar dois ou três dólares que lhes permitissem adquirir uma qualquer peça de vestuário, normalmente barata e de baixa qualidade; sabemos ainda que algumas mulheres traziam das fábricas onde trabalhavam, com ou sem o conhecimento dos patrões, alguns restos de materiais que elas próprias transformavam, conhecedoras da técnica e do estilo; sabemos também que muitas apenas tinham acesso a pequenas vaidades ou a algumas formas de entretenimento graças à cultura de *treating*, ou seja, o oferecimento de presentes ou de bilhetes de entrada no cinema, teatro ou num qualquer parque de diversões por colegas de trabalho ou outros conhecidos, normalmente do sexo masculino. Finalmente, sabemos ainda que muitos patrões não davam emprego a jovens que não se apresentassem vestidas segundo os conceitos da moda americana. A adesão à moda não era, portanto, mero efeito de vaidade. Antes se relacionava com a necessidade de a jovem se americanizar e continuar a investir nessa imagem.

Contudo, a imagem cuidada das jovens trabalhadoras, quase sempre aproximada à das mulheres de classes mais elevadas, levava a algumas suspeições sobre as suas reais dificuldades, nos momentos em que reivindicavam melhores salários ou melhores condições de trabalho em geral. No início do séc. XX, assistiu-se a uma movimentação laboral que nunca antes se tinha visto. As greves em Rochester, Chicago, Cleveland, Boston, Nova Iorque e noutros locais chamavam a atenção da imprensa, que via nesta movimentação de gentes material que poderia atrair a atenção dos leitores e fazer subir as vendas dos jornais. Uma das mais famosas greves da história americana foi a greve de 1909, conhecida como “The Uprising of the 20,000” mas que, segundo relatos vários, teve a participação de muitos mais trabalhadores, tendo ultrapassado largamente os trinta mil. Tal adesão teve inevitavelmente repercussões na ordem pública,



verificando-se, com frequência, desacatos entre grevistas e fura-greves, patrões e autoridades, levando a que a imprensa tivesse sempre qualquer novidade para descrever. Se é certo que havia homens trabalhadores nestas greves, o interesse da imprensa virava-se mais para as jovens que lutavam por melhores condições de trabalho. A presença destas mulheres nas ruas era, de facto, algo de novo e merecia por parte do público em geral, maior curiosidade e interesse, até porque a participação nas manifestações de rua, espaço reservado aos homens, abalava seriamente os princípios de conduta da mulher que devia resguardar-se em casa, nas tarefas do lar. A própria interferência das mulheres das classes média e alta, na defesa dos interesses das trabalhadoras foi alvo de muito mediatismo e fazia, certamente, disparar as vendas dos jornais e de outras publicações.

Os episódios de conflito duraram vários meses e muitas jovens trabalhadoras em greve foram presas, mais de setecentas, tendo muitas sido condenadas a pagar multas e a cumprir trabalhos forçados em casas de correcção, como sucedeu a Rose Perr. Uma jovem de apenas dezasseis anos, operadora de máquina de costura na Bijou Waist Company, Perr foi condenada a cumprir um castigo de cinco dias: “Rose Perr and her friend spent the night in the Tombs, New York City’s aptly named downtown jail, where they shivered on bare iron beds as addicts and prostitutes in nearby cells “laughed and screamed and said terrible words. When morning came, they were taken by boat to Blackwell’s Island” (Drehle 65). Muitas foram as jovens obrigadas a cumprir serviços pesados e humilhantes, em condições desumanas, muitas vezes, devido a mal-entendidos da polícia ou por apenas exercerem o seu direito de defesa (V. Anexos 11 e 12).

As notícias das greves e dos maus tratos às jovens grevistas rapidamente chegaram aos ouvidos das classes mais elevadas, que, em muitos casos, não quiseram

ficar indiferentes, sobretudo as mulheres, que viam, nesta movimentação de gentes, uma oportunidade de fazer algo diferente do simples ócio em que viviam, no dia-a-dia. Algumas mulheres viam também ali uma oportunidade de, mais uma vez, reforçar o seu apoio a outras causas femininas, como era o caso do direito ao voto das mulheres. Estas mulheres mostravam a sua solidariedade com a causa contribuindo com elevadas quantias em dinheiro que ajudavam a financiar a greve, pagavam as multas de algumas jovens condenadas, juntavam-se aos piquetes, tentando evitar as interferências da polícia e demonstrando à imprensa que estavam de acordo com as reivindicações das jovens, organizavam eventos, bailes, chás, leilões e chegaram a emprestar os seus automóveis e os *chauffers* para realizar uma parada, que desceu a Quinta Avenida e contornou toda a zona das fábricas de vestuário, transportando as raparigas com faixas e cartazes anunciando as suas pretensões. Anne Morgan, filha do poderoso J. Pierpont Morgan, magnata da indústria do aço e um influente banqueiro, decidiu sair da sua mansão, em Madison Avenue e apoiar as jovens, tendo inclusivamente alugado táxis para transportar as grevistas durante o desfile (74). Este episódio foi largamente documentado na imprensa, como prova esta notícia do *New-York Tribune*, a 21 de Dezembro de 1909:

Many men and women offered themselves yesterday as volunteer watchers for the pickets of the striking shirtwaist makers at the Women's Trade Union League building, No.43 22<sup>nd</sup> Street, issued at the meeting attended by Mrs Belmont and Miss Anne Morgan, on Sunday. Their duty will be, not to act as pickets, but to watch when pickets are arrested and be ready to give evidence in their behalf. . . . It was arranged late yesterday afternoon by Miss Mary E. Dreier . . . to have a triumphal parade in automobiles from the league building

at 4 p.m. today. Mrs. Belmont, Miss Anne Morgan, Mrs Samuel Untermyer and a number of others will lend automobiles for the occasion.<sup>13</sup>

Este apoio, que mereceu todo o destaque possível por parte da imprensa foi, no entanto, mal recebido por alguns apoiantes mais radicais, que não gostaram do destaque dado à participação destas figuras influentes de famílias mais abastadas que agora mereciam toda a atenção, mas que anteriormente nada tinham feito em prol das mulheres trabalhadoras. Esta era uma opinião partilhada por Leonora O'Reilly, uma importante activista e Rose Schneiderman.<sup>14</sup>

A grande greve de Nova Iorque teve início a 23 de Novembro e obteve, como já referido, uma adesão nunca vista por parte dos trabalhadores, especialmente daqueles que trabalhavam na indústria do vestuário. Cerca de 85% a 90% eram mulheres, que quase inesperadamente, decidiram tomar uma posição, fazendo frente aos patrões que, há muito as exploravam, de diferentes formas, nos locais de trabalho. Respondendo ao apelo emocionado de Clara Lemlich, no discurso realizado no dia imediatamente anterior ao início da greve, as trabalhadoras, sem tempo para se organizarem devidamente e sem saberem muito bem como agir, saíram às ruas e deram início a uma luta que só viria a terminar em Fevereiro do ano seguinte. Os jornalistas dos muitos jornais e revistas da época saíram também à rua para captar as notícias e tirar as melhores fotografias. Como sempre sucedeu e sucede cada vez mais, nos tempos que correm, as notícias e reportagens fotográficas, sofrendo sempre da falta de

---

<sup>13</sup> *New-York tribune*. (New York [N.Y.]) 1866-1924, December 21, 1909. 02-09-2010 <<http://chronicling.america.loc.gov/lccn/sn83030214/1909-12-21/ed-1/seq-5/ocr/>>.

<sup>14</sup> Rose Schneiderman nasceu na Polónia em 1882, tendo emigrado para os Estados Unidos da América com os pais judeus aos oito anos de idade. Aos treze anos começou a trabalhar num armazém e mais tarde foi trabalhar para uma fábrica na esperança de um melhor salário. Foi uma activista nas lutas laborais do início do século XX e fez igualmente parte do movimento sufragista. Foi também presidente da WTUL. Faleceu em 1972. "Rose Schneiderman". 07-10-2010 <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAschneiderman.htm>>.

imparcialidade dos seus autores, podem ter efeitos positivos ou nefastos nas pessoas retratadas nessas mesmas reportagens. Foi o que aconteceu com as jovens que, estoicamente, resistiam nos piquetes de greve, aos maus tratos policiais, às ofensas verbais dos fura-greves e patrões, ao frio, à chuva e ao cansaço. Muitas das notícias que apareciam relatavam os acontecimentos mais relevantes, ao mesmo tempo que retratavam as mulheres de uma forma, em muitos casos, pouco abonatória, pondo em risco a sua credibilidade pessoal e a credibilidade da luta laboral em que estavam envolvidas. Enstad apresenta um desses exemplos, o testemunho de uma repórter da revista *Collier's*, de nome Sarah Comstock, publicado em 1909:

I had come to observe the Crisis of a Social Condition; but apparently this was a Festive Occasion. Lingerie waists were elaborate, puffs towered; there were picture turbans and di'mont pendants . . . This was a scene of gaiety and flirtation. My preconceived idea of a strike was a somber meeting where somber resolutions were made, and there was always a background of mothers wiping their eyes with their aprons vowing that they would still endure for The Great Cause, and of babes who wept bitterly for a soup bone to suck (84).

Também o jornal *The Sun*, na sua edição de 30 de Novembro de 1909, apresenta uma notícia que não poupa as jovens trabalhadoras a alguns adjectivos pouco felizes, salientando a opção pelas roupas vistosas, dando ideia de traje de passeio, a atitude animada e descontraída das jovens que aproveitavam o momento para o convívio, para as compras e para a tagarelice:

Take 40,000 young persons, nearly all girls between the ages of 14 and 20, and change them in a day from workers confined to shops from 8 o'clock in the morning until 6 in the afternoon into folks of leisure, and an effect will be produced upon a community even so large and congested as that of Manhattan's

downtown East Side. . . . That whole neighborhood of the East Side is largely affected in its social aspect by this unwonted leisure class of 40,000 all in holiday attire, all excitedly gossiping, visiting, shopping . . . . In the streets outside headquarters young women in furs and feathered hats gathered in groups yesterday.<sup>15</sup>

A referência aos pormenores do vestuário e acessórios e ao comportamento das jovens, em pleno piquete de greve, não é claramente inocente. O destaque dado a estes detalhes, em detrimento da descrição das razões de luta das grevistas ou da referência aos maus tratos de que eram alvo, dava ao público leitor uma imagem que descredibilizava as jovens nas suas intenções de luta, indo ao encontro dos preconceitos e estereótipos, muitas vezes apresentados por patrões, políticos, magistrados, líderes sindicais e outros, que insistiam na desvalorização do trabalho das mulheres fora de casa, justificando, assim, os baixos salários e a irrelevância de uma luta por melhores condições de trabalho. O vestuário elaborado, os chapéus extravagantes e a aparente boa-disposição também não corroboravam a imagem de jovens pobres e exploradas, nas fábricas e que sobreviviam diariamente com dificuldades, contribuindo com os seus magros salários para ajudar a família a enfrentar as dificuldades económicas.

A associação das jovens trabalhadoras a um estilo de moda mais ou menos extravagante e a sua relação com a cultura de consumo contribuiu igualmente para que as suas pretensões não fossem levadas tão a sério. As jovens ambicionavam ser reconhecidas como *ladies* e, para isso, copiavam os modelos usados por elas; abandonavam o vestuário que as identificava como emigrantes, porque, de outro modo, não seriam aceites. Assim, respondiam positivamente, dentro das suas limitadas

---

<sup>15</sup> *The sun*. (New York [N.Y.]) 1833-1916, November 30, 1909. 02-09-2010 <<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030272/1909-11-30/ed-1/seq-5/ocr/>>.

possibilidades económicas, aos apelos que o capitalismo americano lhes dirigia; mas a adesão a um estilo que, para elas, era essencial para que pudessem ser vistas como *American ladies*, prejudicou a sua imagem como *sujeitos políticos* (Enstad 85). A vontade de interferir e de dar algum contributo na tomada de decisões, relativamente a questões relacionadas com o seu estatuto como trabalhadoras não foi, no entanto, levada a sério, apesar da demonstração da capacidade de mobilização e militância destas mulheres nas diversas greves do início do século.

Segundo Enstad, no seu estudo *Ladies of Labor, Girls of Adventure*, a classe média do séc. XIX via o consumo (associado às mulheres) como o oposto da produtividade (associada aos homens). O trabalho e a produção constituíam a base da identidade masculina, enquanto o consumo era visto como feminino, não produtivo e irracional. Este tipo de argumentação não só ignora o consumo realizado pelos homens, como também desconsidera a produtividade das mulheres da classe trabalhadora, quer em casa, quer fora dela. Enstad considera que as mulheres não foram apenas consumidoras passivas; o consumo permitiu-lhes igualmente conquistas, o desenvolvimento e amadurecimento de ideologias e um despertar de consciências.

Já Kathy Peiss, no seu trabalho pioneiro sobre o acesso das mulheres ao lazer, *Cheap Amusements: Working Women and Leisure in Turn-of-the-Century New York*, adopta uma perspectiva diferente de Enstad, não reconhecendo as actividades culturais das mulheres como recursos políticos importantes. Peiss não teve em conta que as mesmas mulheres que procuraram tirar partido de uma cultura de consumo em pleno desenvolvimento, também desempenharam um papel fundamental e indelével nas greves mais importantes do séc. XX.

Roger Waldinger equaciona este mesmo aspecto, referindo que o acesso das mulheres ao trabalho no início do séc. XX, tem sido perspectivado de uma forma quase

sempre ambígua, uma vez que, ora é apresentado como um movimento emancipatório, permitindo às mulheres questionar alguns valores fundamentais, ora surge como algo que apenas veio reforçar o papel tradicional das mulheres. Waldinger afirma que as duas perspectivas – conflito ou subordinação – não reflectem questões tão fundamentais como o modo de organização e a representatividade das mulheres se faziam nas organizações sindicais, onde aquelas, apesar da efectiva e massiva adesão às lutas, não conseguiam obter posições de destaque e de poder nas hierarquias dos sindicatos (87).

As greves e manifestações conseguiram atrair, de um modo ou de outro, a atenção da sociedade em geral para os problemas e injustiças que caracterizavam o meio laboral, embora nem sempre tivessem conseguido despoletar uma reacção capaz de operar mudanças ao nível dos valores e princípios da sociedade americana. No entanto, apesar da muita intransigência enfrentada, quer devido à incapacidade de mudar mentalidades, quer devido ao poder do capitalismo, que exigia lucros crescentes à custa da exploração de muitos e da infeliz visibilidade de várias tragédias que ocorreram durante esse período, como aquela que surge referenciada no início do presente capítulo, foi possível dar alguns passos no sentido de tornar mais decente e justa a participação das mulheres no mercado de trabalho. Nos contos de Yeziarska, encontramos referência a essas pequenas mudanças que tornaram o trabalho menos penoso: “But little by little, step by step, the sanitation improved. Open windows, swept floors, clean wash-rooms, individual drinking-cups introduced a new era of factory hygiene. Our shop was caught up in the general movement of social betterment that stirred the country” (1991: 123).

Todavia, depois de muitas greves que provocaram, em momentos de muita exigência de produção, algumas pequenas cedências por parte dos patrões, em relação a salários, número de horas de trabalho diário e condições de higiene e segurança, a questão do direito à união laboral continuava a não obter qualquer concordância.

Devido à falta de resultados mais marcantes e à ausência de mulheres nos cargos de chefia dentro das uniões sindicais, apesar do grande número de trabalhadoras inscritas, o número de membros das uniões sindicais ia decrescendo, como sucedeu com a ILGWU, que, de vinte mil membros em 1910 passou a sete mil em 1911 (Waldinger 96). As oscilações nos números de trabalhadoras inscritas nos sindicatos tinha também a ver com os padrões culturais e familiares das jovens emigrantes. Os dois grupos étnicos com maior representatividade, as italianas e as judias, apresentavam características distintas que interessa brevemente recordar: as judias, normalmente mais confiantes, devido ao seu anterior contacto com as lutas laborais na Rússia ou na Polónia, eram as instigadoras e impulsionavam as suas colegas a envolver-se e a manifestar-se publicamente. Em muitos casos provenientes de famílias com alguma prosperidade económica, as judias estavam menos dependentes dos seus salários, em momentos de lutas laborais. São muitas as referências a nomes de jovens judias que se destacaram pelo seu envolvimento intenso e apaixonado nas greves da época, alguns dos quais já tive oportunidade de referir: Pauline Newman, Rose Schneiderman, Clara Lemlich, Rose Pesotta, Fannia Cohen e Emma Goldman entre outras, são frequentemente referidas em estudos acerca da agitação laboral na época. Já as jovens italianas, muito mais dependentes dos seus salários, devido às difíceis condições económicas das suas famílias e usufruindo de uma menor autonomia relativamente às saídas, estavam mais limitadas na sua participação em reuniões ou manifestações. Por volta de 1920, assistiu-se a uma transferência de mulheres judias para lugares com funções administrativas, tendo as trabalhadoras italianas, que apresentavam níveis de escolaridade mais baixos, continuado a ocupar os lugares de assalariadas nas fábricas. O menor número de participantes nas causas laborais tornava obviamente menos fortes as pretensões



apresentadas pelos sindicatos, debilitando também a força das greves e das manifestações.

Este capítulo tinha como objectivo analisar a forma como a moda, o trabalho e as lutas laborais das mulheres se articularam, no início do séc. XX e de que modo essa articulação permitiu às mulheres obter alguns ganhos, mas também enfrentar algumas contrariedades. Certamente que é possível ver, no estudo já mencionado de Kathy Peiss, alguma correspondência com a realidade, uma vez que não devemos esquecer que as ambições da maioria das jovens não poderiam ir mais além do que trabalhar por alguns anos, uma vez que a organização da sociedade americana assim o exigia. A sensação de liberdade experimentada, pela primeira vez, por muitas jovens emigrantes, bem como o acesso a pequenas vaidades que até aí eram inimagináveis e completamente inatingíveis, levaram a maioria a focalizar as suas energias nos momentos imediatos de lazer e a desvalorizar aspectos que muitas delas nem conseguiriam entender, por desconhecimento da língua inglesa. Além desses condicionalismos, tornava-se extremamente árduo conciliar as longas e mal pagas horas de trabalho com todas as exigências que, como esposas e mães, teriam que cumprir. Considero, no entanto, que Nan Enstad, noutro estudo de referência para a minha pesquisa, tem uma perspectiva mais realista dos acontecimentos que marcaram o início do séc. XX, quando destaca o relevo das opções de estilo das jovens mulheres trabalhadoras. De facto, é de todo impossível ficar indiferente à capacidade de iniciativa e de mobilização demonstrada por mulheres tão jovens, recentemente chegadas a um país tão diferente dos seus e onde, muitas vezes, eram recebidas de um modo tão amargo e decepcionante. Também não devemos ignorar o impacto que estas greves tiveram em todo o país, tendo certamente servido de exemplo a muitas outras iniciativas do género, noutras cidades. A obrigatoriedade de rapidamente se modernizarem, conforme os padrões americanos,

conduziu igualmente a uma mudança de atitude, tendo o acesso ao trabalho e aos bens de consumo contribuído para um despertar de consciências que foi fundamental na conquista de muitos direitos laborais, sociais e políticos para as mulheres.

## **Conclusão**

O desprendimento com que, nos dias de hoje, compramos qualquer peça de roupa torna difícil a compreensão da relação que as jovens trabalhadoras, do início do séc. XX, estabeleciam com o vestuário. Não que a moda, hoje em dia, não seja um elemento preponderante de afirmação social, cultural, económica e até política em todas as sociedades mas, no início do século XX, adquiriu uma relevância absolutamente inegável no crescimento das jovens emigrantes como cidadãs americanas. A adaptação à sociedade americana implicava, antes de qualquer outra coisa, uma aprendizagem do estilo de vestuário que as americanas usavam; era preciso parecer americana para se poder trabalhar em muitos locais. Por outro lado, o acesso ao trabalho e a necessidade de rápida integração desenvolveu o gosto pelo consumo, estimulado pelo contacto com os espaços comerciais, as revistas, ou simplesmente, a observação directa de outras mulheres. “Putting on style” era, simultaneamente, uma obrigação, mas também um gosto pessoal, que permitia a afirmação de ideais de feminilidade.

O acesso ao trabalho permitiu também uma tomada de consciência das imensas injustiças com que as mulheres se debatiam diariamente, devido não só às péssimas condições de segurança e higiene, mas também, à segregação em termos salariais, tendo em conta que, na maioria dos casos, as mulheres recebiam piores salários do que os homens no mesmo tipo de profissões e não tinham qualquer perspectiva, na maioria dos casos, de evoluir em termos de carreira profissional. A reivindicação por melhores condições laborais, que implicava a saída para a rua em manifestações e greves, estratégias tão difíceis de implementar com jovens emigrantes de diversos contextos sociais e familiares, foi ambigualmente percebida. As mesmas trabalhadoras que tinham sido pressionadas a integrar-se na sociedade americana recorrendo à moda eram,

muitas vezes, desacreditadas nas suas pretensões laborais, devido exactamente ao vestuário que exibiam nas ruas. A imprensa da época procurou frequentemente veicular representações das jovens manifestantes pondo em evidência as suas opções de moda, em vez de destacar a sua coragem, a sua iniciativa, a sua perseverança e até a força física com que enfrentavam os patrões sem escrúpulos, as ameaças constantes, as agressões físicas e os castigos durante os longos períodos de greve. Contudo, o traje vistoso que exibiam nas ruas em passeio, nas deslocações para o trabalho ou nas manifestações era, muitas vezes, um dos poucos que tinham no armário e exigira, da parte delas, algumas privações que podiam passar por não se alimentarem.

As lutas laborais do início do séc. XX só aconteceram, porque um vasto grupo de mulheres, maioritariamente emigrantes e de origem italiana e judia, se organizaram e manifestaram o seu descontentamento perante variadas situações de injustiça laboral. Gostaria de frisar que, nesta movimentação foi essencial o papel de algumas figuras femininas, que referi ao longo deste trabalho, as quais, pela sua coragem, determinação e ousadia merecem uma atenção especial que aqui não foi possível dispensar-lhes, mas que seria interessante analisar futuramente.

## **Anexos**



Anexo 1: A fotografia representa um dia de mercado em Lower East Side, sendo possível observar o elevado número de vendedores ambulantes com os seus típicos *pushcarts* (Schreier 77).



Anexo 2: As fotografias demonstram o contraste de imagem das mulheres mais jovens que adoptavam, com alguma facilidade, o estilo de vestuário americano ao contrário das mulheres mais velhas que dificilmente aceitavam aderir a essas mudanças. O postal ilustra essas mesmas mudanças de visual (Schreier 51).

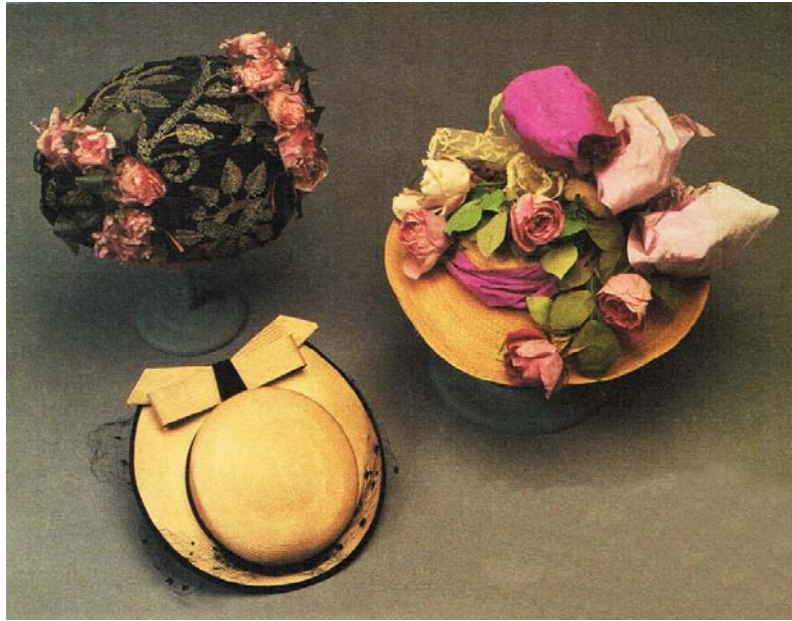


Anexo 3: A imagem ilustra a necessidade de mudança de visual que frequentemente começava logo no momento do desembarque (Schreier 95).



<p><b>THE ARLINGTON.</b> No. 18R32555 Rich looking hand made velvet hat on a buckram frame 17 inches wide, the frame being completely covered with black mirrored silk velvet. The trimming consists of a single 17-in. ostrich plume in black, applied from the left side of crown, drooping across the front to the right brim. Draped around the crown in loose folds appears a very wide band of heavy black satin, which is caught gracefully in front by two jet trimming pins. A most serviceable style, not too extreme. Very pretty as described in all black. Comes also in medium brown, medium navy blue, very dark green, or taupe gray, all with plumes to match, or with black or white plumes, if desired. State color desired. Price.....\$5.88</p> 	<p><b>THE DOWAGER.</b> No. 18R32560 Our very best quality ladies' bonnet with good band size. Made of splendid materials. The facing is of black mirrored silk velvet, while the crown is of silk finished braid laid in folds. The trimming consists of a cluster of two good quality ostrich tips, used together with sweeping culture cigarettes. A dash of color sets off the hat by the use of a small drape of old rose mirrored silk velvet set off by jet ornament, applied directly beneath the tips. The blue, which are caught in the back with jet ornaments, are of best quality soft finished 18-inch chiffon, beautifully shirred, each being 45 inches long. Very pretty as described in black with a touch of old rose. May also be ordered with a touch of light blue, a touch of white, a touch of lavender, or in all black. State color desired. A real \$5.00 value. Price.....\$2.98</p> 	<p><b>THE SHERETON.</b> No. 18R32565 Splendid moderately priced bonnet, very rich in effect. The facing is a wide band of open-work jet, spanned braid, laid over heavy black silk, the crown and upper brim being made of silk finished braid. The trimming consists of a bunch of three pretty black ostrich tips set off with a touch of Copenhagen blue satin taffeta ribbon applied directly below the tips. The tips are of 2-inch black taffeta ribbon, one yard long on each side, the ribbon extending over the back of the crown. May be ordered as described in black with a touch of Copenhagen blue. Comes also in black with a touch of light blue, white, lavender or all black. State color desired. Extra good value. Price.....\$2.49</p> 
<p><b>THE RAVINIA.</b> No. 18R32570 Most becoming dress hat, literally loaded with ostrich plumes. The brim, which is 15 1/2 inches wide, is of black mirrored silk velvet, while the large Tam O'Shanter crown is made entirely of spangled jet braid. Completely encircling this large crown are nine medium size black demi plumes, while on the left side are three half plumes, each about 13 inches long. A fold of black satin taffeta ribbon is laid around the base of the crown beneath the ostrich tips, ending in a knot on the left side. At the price asked this hat is a tremendous value, being particularly dressy. Comes in black only. Price.....\$6.25</p> 	<p><b>THE SUPERBA.</b> No. 18R32575 Our very finest ostrich trimmed hat. Made up of most elegant materials, with two beautiful black plumes, each 17 inches long and very wide. The shape is rather large, with graceful sweeping brim 17 1/2 inches wide, slightly turned on each side and drooping in the back. The edge of brim and large French crown are covered with finest quality black mirrored silk velvet, while the facing is of pure white grosgrain silk. An elegant imported band of appliqued silk silks, studded with jet ornaments is laid on a wide drape of black silk maline, daintily applied around the crown. Guaranteed equal to any \$25.00 imported pattern obtainable in any store. Very pretty as described in all black with white facing. Comes also in all black with black plumes; or in black with one white and one black plume, with white facing. State color desired. Price.....\$13.50</p> 	<p><b>THE KENMORE.</b> No. 18R32580 One of our newest ostrich trimmed hats in beautiful style and of splendid materials. The novelty shape, which is 14 inches wide, is faced with black mirrored silk velvet, having a wide folded binding on edge of brim; the upper brim and crown being of white silk pyroxylin braid. The trimming consists of one black and one white ostrich plume, each about 16 inches long, which extend from a large knot of black satin taffeta ribbon, caught with jet trimming pins. The ribbon is laid in folds around the base of the crown. Charmingly pretty hat in black and white combination as described. Comes also in all black; in dark green and black; all brown, or all navy blue. State color desired. Price.....\$7.95</p> 
<p><b>THE CLARENDON.</b> No. 18R32360 Stunning dress hat, made of best quality black mohair felt with very wide binding of black silk velvet. The shape is 16 1/2 inches wide. The trimming consists of six white simple layer, uncurled ostrich feathers about 18 inches long (not full plumes), being caught at the crown with large crush rosette of black silk velvet, centered by a large jet ornament, the velvet being laid in folds around the crown. Very pretty as described in all black with white uncurled ostrich feathers. Comes also in all black; in medium brown with natural shaded feathers and light blue velvet; in navy blue with Copenhagen blue feathers and velvet; in all navy blue, or all brown. State color wanted. One of the greatest values ever offered. Price.....\$2.99</p> 	<p><b>THE BRAMFORD.</b> No. 18R32365 Dainty mushroom style in one of the very newest and most becoming shapes. The hat, which is 16 inches wide, is made of long nap mohair felt, in navy blue, with large rounded crown. The trimming consists of a pair of very handsome navy blue wings, spoiled against the side of the crown, pointing to the side, while a huge rosette of light blue mirrored silk velvet, centered with large jet ornament, is applied directly in front of the wings. The folds being laid around the entire base of crown. Very pretty as described in navy blue with a touch of light blue. Comes also in medium brown with dark Copenhagen blue velvet; in all brown; in dark cardinal red with black velvet; in black with black wings and black velvet; in black with black wings and dark green velvet; in black with black wings and violet shaded velvet, or in all black. State color wanted. Fine \$4.00 value. Our price.....\$2.63</p> 	<p><b>THE CRANSTON.</b> No. 18R32370 Splendid value medium size turban in strictly a new made style the frame being covered with rows of black novelty braid, the edge of brim being bound with black silk velvet. The trimming consists of three medium quality black ostrich tips applied on the left side and drooping gracefully over the brim; a fold of black, heavy Jap silk being laid around the inner brim and crown, ending directly under the tips, to assist in a jet ornament. Very pretty and serviceable as described in all black. Comes also in shades of medium brown; all navy blue with tips to match; in taupe gray with black tips; Copenhagen blue with navy blue tips, or in all black with light blue silk. State color wanted. A hat sold at \$8.50 by all milliners. Our price.....\$2.38</p> 

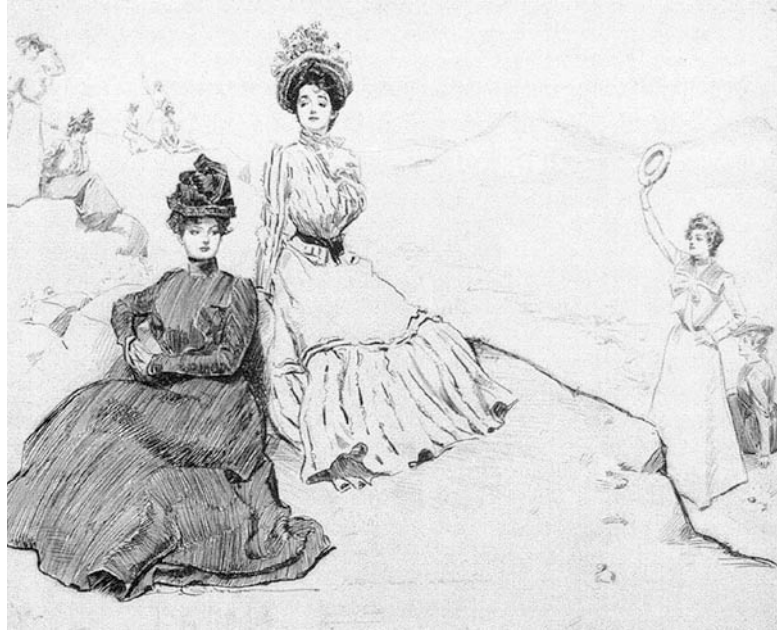
Anexo 4: Página da Sears, que apresenta diferentes tipos de chapéus à venda em 1909 (Oliam 1).



Anexo 5: Os chapéus eram um dos primeiros objectos adquiridos pelos emigrantes na chegada aos Estados Unidos (Schreier 84).



Anexo 6: Ao percorrer as ruas de Lower East Side era frequente encontrar numerosas lojas especializadas no mesmo tipo de artigo, como sucede neste exemplo em que é possível contar, pelo menos, quatro lojas de chapéus seguidas (Schreier 103).



**Anexo 7:** Desenho de Charles Dana Gibson, que privilegiava o traço simples e que influenciou as tendências da moda na primeira década do século XX (Drehle s.p.).



**Anexo 8:** Esta fotografia de 1907 demonstra como a imagem da Gibson Girl era da preferência das jovens nesta época, não só na escolha do vestuário, mas também pela opção dos acessórios (Schreier 8).

**LADIES' STYLISH THOROUGHLY TAILORED SKIRTS**



**LADIES' RIDING SUITS AND SKIRTS.**



These are Combination Riding and Walking Suits or Skirts. For riding the skirt is made divided by simply unbuttoning the front panel and arranging it as shown in the smaller illustration. Semi-fitted coat with straps and belt furnished in different materials and colors as stated. Sizes, 32 to 42 inches bust measure, 22 to 30 inches waist measure and 37 to 44 inches front length of skirt. For all information regarding measurements see page 181.

No. 27R400 SUIT, made of tan khaki or soldier's cloth. Shipping wt. 5 1/2 lbs. Price .....\$8.75 Unavailable.

No. 27R401 SUIT, made of all wool broadcloth. Color, black only. Shipping wt. 5 1/2 lbs. Price .....\$15.00 Unavailable.

No. 27R402 SUIT, made of high grade covert cloth. Color, castor only. Shipping wt. 6 lbs. Price...\$13.75 Unavailable.

No. 27R403 SKIRT, made of khaki or soldier's cloth. Color, tan. Shipping wt. 58 oz. Price .....\$3.98

No. 27R404 SKIRT, made of cotton covert cloth. Color, castor. Price .....\$2.98

No. 27R405 SKIRT, made of cotton covert cloth. Color, gray. Price .....\$2.98

No. 27R406 SKIRT, made of all wool covert cloth. Color, black. Price. \$6.75

No. 27R407 SKIRT, made of all wool covert cloth. Color, oxford gray. Price ..... 6.75

No. 27R408 SKIRT, same as above. Color, castor. Price ..... 6.75

No. 27R409 SKIRT, made of all wool broadcloth. Color, black only. Shipping wt. 45 oz. Price.....\$6.75

No. 27R410 SKIRT, made of good quality corduroy. Color, castor only. Shipping wt. 60 oz. Price.....\$5.75

No. 27R411 SKIRT, made of good quality repellent cloth. Color, olive brown. Shipping wt. 40 oz. Price.....\$3.75

No. 27R412 SKIRT, made of melton. Color, black only. Shipping wt. 35 oz. Price .....\$4.75

**JUVENILE SKIRTS.**



Juvenile skirts are in more demand this season than heretofore. The skirts we have shown above are the latest in these juvenile styles, are made of good materials and are furnished in sizes from 22 to 28 inches waist measure and 24 to 34 inches front length of skirt. We guarantee these skirts to be exceptional values at the price, and if in your opinion you do not think that they are worth even more than the prices quoted, we will gladly take them back and refund every cent you have paid. While these skirts are shown with suspenders if you so desire the suspenders can be taken off and the skirt worn in the ordinary way.

No. 27R418 PRETTY GARMEN IN A JUVENILE SKIRT of chiffon Panama. Double box plait in front, side plaited style, front trimmed with combination covered buttons; suspenders as shown; inverted plait in the back. State waist measure and front length of skirt. Average sweep, 102 inches. Shipping wt., 36 oz.

No. 27R418 Color, navy blue. Price. \$1.98

No. 27R419 Color, brown. Price...\$1.98

No. 27R420 Color, wine. Price...\$1.98

No. 27R421 A NOBBY LITTLE GARMEN IN A JUVENILE SKIRT of worsted Panama. Side plaited style with box plait in front, trimmed around bottom with alternating self tucks and bands of tafeta silk; suspenders to match; inverted plait in back. Average sweep, 88 inches. State waist measure and front length of skirt. Shipping wt., 27 oz.

No. 27R421 Color, navy blue. Price. \$2.75

No. 27R422 Color, brown. Price...\$2.75

No. 27R423 Color, wine. Price...\$2.75

No. 27R424 TASTY JUVENILE SKIRT of worsted Panama. Side plaited style with front of inverted and box plait as shown; trimmed in front with combination covered buttons and straps of tafeta silk; trimmed around bottom with one wide and two narrow folds of tafeta silk; suspenders trimmed to match; inverted plait in back. Average sweep, 100 inches. Give waist measure and front length of skirt. Shipping wt., 35 oz.

No. 27R424 Color, navy blue. Price. \$2.98

No. 27R425 Color, brown. Price...\$2.98

No. 27R426 Color, wine. Price...\$2.98

Anexo 9: Exemplos de saias à venda no catálogo da Sears (Olian 8).

## LADIES' WHITE LAWN WAISTS

Lawn and Lingerie Waists, smart, dainty and up to the minute. Your money back if they fail to please you.

Size, 32 to 42 inches bust measure. No larger or smaller sizes can be furnished. See page 191 for instructions on measuring, how to order, etc.

Mail shipments. If you want any waist shipped by mail, send postage extra, 1 cent an ounce, according to shipping weight given.

No. 27R500 SMART LAWN WAIST with allover embroidered front alternating with tucks. Short sleeves; tucked cuffs and collar finished with lace edging; buttons in back. Very neat and an unusually great value. State bust measure. Shipping wt., 12 oz. ....49c

No. 27R501 AN IMPRESSING CREATION IN A LAWN WAIST. Embroidered front in beautifully assorted designs. Long sleeves with tucked cuffs and collar; buttons in back. A garment worth at least one-third more. A regular 95-cent value. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....63c

No. 27R502 A WAIST THAT DESERVES MORE THAN ORDINARY MENTION. Made of fine lawn. Long sleeves, buttons in back, tucked front in panel effect alternating with embroidered front in pretty assorted designs; tucked collar and cuffs; collar finished with lace edging. Very smart and a splendid value. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....78c

No. 27R503 A LAWN WAIST with embroidered front in floral pattern. Front panel of waist is embroidered in dainty raised circle and button effect; long sleeves; tucked collar and cuffs finished with lace edging; waist buttons in front. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....89c

No. 27R504 WHITE LAWN WAIST with five artistically embroidered bands in front. Long sleeves with tucked cuffs, tucked collar, buttons in front under panel, tucked in back and front. Something very pretty and stylish. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....89c

No. 27R505 A DAINY DESIGN IN A LAWN WAIST with a beautifully embroidered front. Yoke and collar of Valenciennes lace, three-quarter length sleeves with lace insertion, tucked cuffs, waist buttons in back. A garment that you would be asked to pay much more for elsewhere. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....92c

No. 27R506 ALLOVER EMBROIDERED WAIST. Made of lawn. Tucked front and back, long sleeves, with embroidery and tucked cuffs and collar finished with lace edging; waist buttons in back. Very neat and dressy. State bust measure. Shipping wt., 14 oz. ....92c

No. 27R507 GIBSON WAIST. Made of lawn. Embroidered front in charming diamond and button effect; waist buttons in front; long tucked monquetaire sleeves finished with lace edging; tucked collar. A garment that is popular. State bust measure. Shipping wt., 12 oz. ....92c

No. 27R508 LINGERIE WAIST in a pleasing design. Yoke of tucks and lace, lace insertion in front, long monquetaire tucked sleeves with lace edging and trimmed with buttons, lace collar; waist buttons in back. A garment sometimes sold at twice what we ask. Guaranteed to be satisfactory. State bust measure. Shipping wt., 13 oz. ....92c

No. 27R509 LAWN WAIST with front of dainty flower pattern allover embroidery and tucks. Tucked in back, long sleeves; tucked collar and cuffs finished with lace edging; waist buttons in back. A garment that is pretty and stylish. State bust measure. Shipping wt., 15 oz. ....\$1.19

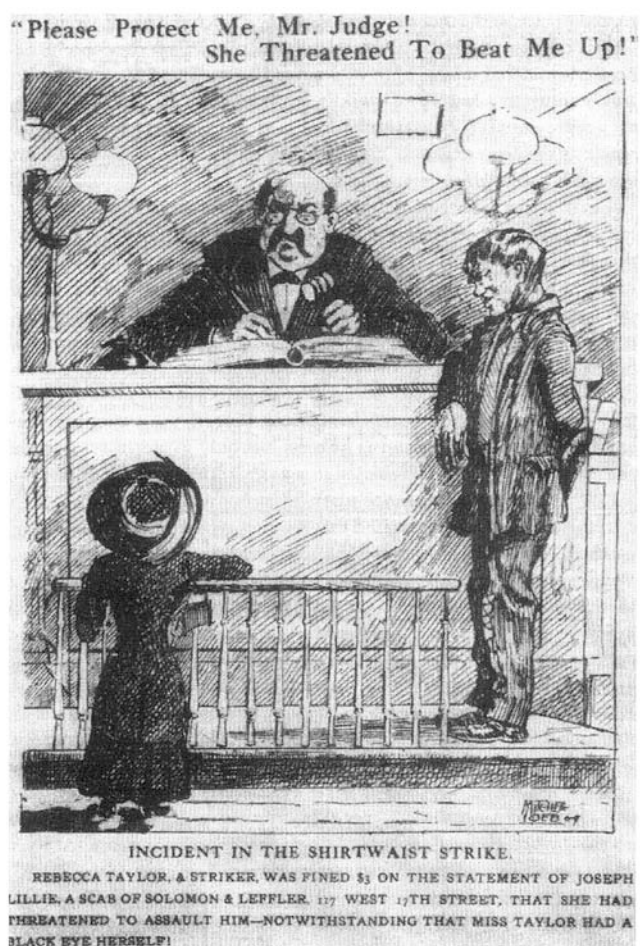
No. 27R510 ALLOVER EMBROIDERED WAIST. Front and back of lawn. A waist that cannot fail to meet your every want. Tucked front, long monquetaire sleeves, tucked collar; collar and sleeves finished with lace edging; waist buttons in back. State bust measure. Shipping wt., 14 oz. ....\$1.35

No. 27R511 LINGERIE WAIST, the front being a charming combination of lace insertion, embroidered medallions and pin tucks. Long monquetaire sleeves with lace insertion and edging, giving the desired dressy effect; collar of Valenciennes lace; waist buttons in back; back also trimmed with lace insert. State bust measure. Shipping wt., 15 oz. ....\$1.65

Anexo 10: Página da revista Sears, que publicita vários modelos das blusas e respectivos preços (Olian 3).



Anexo 11: Um grupo de grevistas durante a greve de 1909 (Enstad 156).



Anexo 12: Imagem publicada no jornal *New York Call* (Dezembro de 1909), caricaturando os episódios de violência entre as grevistas e os fura-greves contratados pelos patrões. As jovens trabalhadoras eram frequentemente provocadas e agredidas, mas acabavam por ser acusadas e castigadas em tribunal (Enstad 107).

## **Bibliografia**

Cordasco, Francesco. *Dictionary of American Immigration History*. n.p.:The Scarecrow Press, Inc. 1990.

Daniels, Roger. *Coming to America: A History of Immigration and Ethnicity in American Life*. New York: Harper Perennial, 2002.

Drehle, David Von. *Triangle, The Fire that Changed America*. New York: Grove Press, 2003.

Dye, Nancy Schrom. *As Equals & As Sisters*. Columbia: University of Missouri Press, 1980.

Enstad, Nan. *Ladies of Labor, Girls of Adventure*. New York: Columbia University Press, 1999.

Ewen, Elizabeth. *Immigrant Women in the Land of Dollars: Life and Culture on the Lower East Side, 1890-1925*. New York: Monthly Review Press, 1985.

Glenn, Susan A. *Daughters of the Shtetl: Life and Labor in the Immigrant Generation*. New York: Cornell University Press, 1990.

Heinze, Andrew. "From Scarcity to Abundance: the Immigrant as Consumer". *Consumer Society in American History: A Reader*. New York: Cornell University, 1999.

Jensen, Joan M.. "If I didn't have my Sewing Machine...": *Women and Sewing-Machine Technology, A Needle, A Bobbin, a Strike, Women Needleworkers in America*, Eds. Joan M. Jensen and Sue Davidson. Philadelphia: Temple University Press, 1984.

Kitch, Carolyn. *The Girl on the Magazine Cover: The origins of visual stereotypes in American mass media*. n.p.: Chapel Hill & London, 2001.

Moore, Deborah Dash and David Lobenstine. "Photographing the Lower East Side: A Century's Work". *Remembering the Lower East Side*. Eds. Hasia R. Diner, et al. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

Olian, Joanne, ed. *Everyday Fashions 1909-1920*. New York: Dover Publication, 1995.

Peiss, Kathy. *Cheap Amusements: Working Women and Leisure in Turn-of-the-century*. Philadelphia: Temple University Press, 1986.

Prell, Riv-Ellen. "The Ghetto Girl and the Erasure of Memory". *Remembering the Lower East Side*. Eds. Hasia R. Diner, et al. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

Rischin, Moses. "Toward the Onomastics of the Great New York Ghetto: How the Lower East Side Got Its Name". *Remembering the Lower East Side*. Eds. Hasia R. Diner, et al. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

Schreier, Barbara A. *Becoming American Women: Clothing and the Jewish Immigrant Experience, 1880-1920*. New York: Chicago Historical Society, 1994.

Shofield, Ann. "The Uprising of the 20,000: The making of a Labor Legend". *A Needle, A Bobbin, a Strike, Women Needleworkers in America*, Eds .Joan M. Jensen and Sue Davidson. Philadelphia: Temple University Press, 1984.



Stein, Leon. *The Triangle Fire*. New York: Cornell University Press, 2001.

Tax, Meredith. *The Rising of the Women: Feminist Solidarity and Class Conflict 1880-1917*. New York: University of Illinois Press: 2001.

Yans-Mclaughlin, Virginia. *Family and Community: Italian Immigrants in Buffalo, 1880-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 1977.

Yeziarska, Anzia. *Bread Givers*. New York: Persea Books, 1975.

---. *How I Found America*. New York: Persea Books, 1991.

## **Sitografia**

Brody, Seymour. "Lilian Wald (1867-1940)." *Jewish Virtual Library*. 24-08-2010 <<http://www.Jewishvirtuallibrary.org/jsourc/biography/wald.html>>.

"East side tenements." *The New-York Tribune*, November 25, 1900. 14-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/les-landlords.htm>>.

"The Kishinev Pogroms. April 1903, September 1907". *The Museum of Family History*. 11-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/mfh-pogroms-kishinev.htm>>.

Marshall, B.T. "Within the 'Pale' of Jewish Russia." *The Herald-Republican* 26-06-1910. 12-07-2010 <<http://www.museumoffamilyhistory.com/eej-pale-01.htm>>.

"M. Goodstein to his Aunt in Poland, San Bernardino". *Letters from America*. 10-07-2010 <[http://www.jaha.org/edu/discovery\\_center/push-pull/letterstohome.html](http://www.jaha.org/edu/discovery_center/push-pull/letterstohome.html)>.

*New-York Tribune*. (New York [N.Y.]) 1866-1924, December 21, 1909. 02-09-2010  
<<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1909-12-21/ed-1/seq-5/ocr/>>.

Oreck, Alden. “The Pale of Settlement”. *Jewish Virtual Library*. 27-08-2010  
<<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/pale.html>>.

“Pogroms”. *Enciclopédia do Holocausto*. 27-08-2010 <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>>.

“Rose Schneiderman”. 07-10-2010 <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAschneiderman.htm>>.

*The sun*. (New York [N.Y.]) 1833-1916, November 30, 1909. 02-09-2010  
<<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030272/1909-11-30/ed-1/seq-5/ocr/>>.

“Travel instructions from John Cybulski to his wife”. *Letters from America. Letters from America*. 10-07-2010 <[http://www.jaha.org/edu/discovery\\_center/push-pull/letterstohome.html](http://www.jaha.org/edu/discovery_center/push-pull/letterstohome.html)>.

“Yiddish Language and Culture”. *Judaism 101*. 27-08-2010 <<http://www.jewfaq.org/yiddish.htm>>.